

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

DISSERTAÇÃO

**Práticas orais na disciplina de Língua Portuguesa: ensino do gênero
entrevista de emprego**

Bianka Thompson Alves

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

**PRÁTICAS ORAIS NA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA:
ENSINO DO GÊNERO ENTREVISTA DE EMPREGO**

BIANKA THOMPSON ALVES

Sob a orientação do Professor Doutor
Gerson Rodrigues

Dissertação submetida como requisito para
obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no
Curso de Mestrado Profissional em Letras -
ProfLetras-, na Área de Concentração em
Linguagens e Letramento.

Seropédica, RJ

Julho de 2017

A474p

Alves, Bianka Thompson, 1980-
Práticas orais na disciplina de língua portuguesa:
ensino do gênero entrevista de emprego / Bianka
Thompson Alves. - Rio de Janeiro, 2017.
101 f.: il.

Orientador: Gerson Rodrigues.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS.,
2017.

1. Língua Portuguesa. 2. língua Portuguesa - estudo
e ensino. 3. Linguística textual. 4. Gênero Textual
oral. 5. Oralidade em sala de aula. I. Rodrigues,
Gerson, 1971-, orient. II Universidade Federal
Rural
do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Mestrado
Profissional em Letras - PROFLETRAS. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

BIANKA THOMPSON ALVES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Programa de **Mestrado Profissional em Letras**, área de concentração em Linguagens e Letramento.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Gerson Rodrigues (UFRRJ)
Orientador

Prof.ª Dr. Andréa Rodrigues (UERJ)
Avaliador externo

Prof.ª Dr.ª Marli Hermenegilda Pereira (UFRRJ)
Avaliador interno

SEROPÉDICA - 2017

“Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.”

BAKHTIN

Ao meu bem maior, minha filha Clarice. A quem eu devo a força e a perseverança por esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Como não poderia deixar de ser, agradeço a Deus pelas oportunidades e por nunca me desamparar.

Agradeço, com todo meu respeito, admiração e carinho, ao meu orientador Gerson Rodrigues. Foi meu maior incentivador, desde o início - por meio de uma ligação, encorajou-me a realizar a inscrição para o curso - até a reta final - através de suas orientações, intervenções e, principalmente, cobranças. Não há palavras que expressam minha gratidão.

Agradeço às professoras Andréa Rodrigues e Marli Pereira por aceitarem participar da minha banca examinadora. Aproveitando o ensejo, à professora Marli meu sincero agradecimento pelas aulas, ensinamentos e apoio.

À *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES) meu agradecimento pelo investimento a mim ofertado e pela oportunidade de realizar esta pesquisa.

Agradeço aos meus amigos e companheiros da turma de Mestrado. Somos uma excelente equipe!

Aos meus colegas de trabalho, obrigada pelas contribuições e participação na pesquisa.

Agradeço aos alunos que já passaram pela minha vida, aos que nela estão e aos que virão. É por eles e para eles que busco contínuos aprendizados. Em especial, destaco a aluna Priscila de Almeida, por ter mergulhado de cabeça no projeto, e a aluna Kethlen Pacheco, por ter me dado tanta assistência na edição do vídeo.

À minha família, obrigada por acreditar em mim e por ser meu “porto seguro”. Sem vocês eu nada seria!

RESUMO

ALVES, Bianka Thompson. **Práticas orais na disciplina de língua portuguesa: ensino do gênero entrevista de emprego**: Seropédica, RJ, 2017. 101p. Dissertação (Mestrado Profletras). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras e Comunicação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

Baseado nos estudos da Linguística Textual e a partir de uma concepção sociointeracionista, que entende a língua como instrumento social, buscou-se refletir e desenvolver, no presente trabalho, uma atividade pedagógica relacionada à oralidade. Para tanto, apresentamos o projeto “Práticas orais: simulando uma entrevista de emprego”, desenvolvido por meio de sequência didática, com alunos de uma turma do nono ano do Ensino Fundamental da rede pública da Prefeitura do Rio de Janeiro. Atendendo-se ao fato de que o ensino da língua materna deve direcionar-se às práticas comunicativas contextualizadas, de acordo com seu uso sociocultural, em distintas possibilidades comunicativas, salientou-se a importância da oralidade como uma modalidade de comunicação a ser trabalhada e desenvolvida no ambiente escolar. Todavia, poucos são os materiais e práticas pedagógicas voltadas a essa aprendizagem. Observou-se, assim, que, na realidade de sala de aula, ainda há a valorização da escrita em relação à oralidade por grande parte dos professores. Desse modo, diante de tal problemática, sugeriu-se que os profissionais da área reavaliem e reformulem o ensino da modalidade oral com o objetivo de ampliar a capacidade linguística do aluno, fazê-lo refletir sobre a relevância da fala em diferentes contextos a fim de torná-lo capaz de se manifestar oralmente em diversos ambientes sociais, em variados níveis de formalidade. Assim, de acordo, com Marcuschi (2010), quando afirma que a comunicação verbal só é possível por meio de algum gênero textual, sendo este uma entidade sociodiscursiva, e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que afirmam que o trabalho com os gêneros abordam aspectos sociais, culturais, comunicativos e linguísticos, defendeu-se o estudo da língua por meio de tal processo. Neste tocante, como é dever da escola permitir que o aluno tenha acesso aos gêneros orais formais, fora sugerido o trabalho com o gênero oral entrevista de emprego, adequando-o às necessidades e perspectivas do público selecionado. Pautada na pesquisa-ação, foram utilizados como instrumentos de análise os materiais teóricos e metodológicos ofertados pela Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro e um questionário, elaborado pela pesquisadora e respondido por professores de Língua Portuguesa concursados da SME-RJ, com o objetivo de verificar como a modalidade oral está presente em suas práticas de aula. Notou-se que tanto o material quanto o corpo docente pouco ainda deixam muito a desejar em relação ao estudo e análise da modalidade oral formal da língua na rotina escolar. Posto isso, observada a necessidade de ofertar a mesma importância da escrita e da oralidade, aplicou-se a intervenção didática, que culminou na confecção de um vídeo que simula uma entrevista de emprego. Embora não seja fácil, verificou-se que o trabalho com os gêneros orais é fundamental para o desenvolvimento crítico, reflexivo, autônomo do aluno e para sua formação como cidadão.

Palavras-chave: Ensino. Gênero Textual. Oralidade.

ABSTRACT

ALVES, Bianka Thompson. **Oral practices in the discipline of Portuguese language: teaching of gender job interview**: Seropédica, RJ, 2017. 101p. Dissertation (Masters Proletras). Institute of Human and Social Sciences, Department of Letters and Communication, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

Based on the studies of Textual Linguistics and from a socio-interactionist conception, which understands the language as a social instrument, it was sought to reflect and develop, in the present work, a pedagogical activity related to orality. To do so, we present the project "Oral Practices: Simulating a Job Interview", developed through a didactic sequence, with students from a class from the ninth grade of the Public School of Rio de Janeiro City. Considering that the teaching of the mother tongue should be directed to contextualized communicative practices, according to their sociocultural use, in different communicative possibilities, the importance of orality was emphasized as a modality of communication to be worked and developed in the school environment. However, there are few pedagogical materials and practices aimed at this learning. It was observed, therefore, that in the classroom reality, there is still the evaluation of writing in relation to orality by most teachers. Thus, in the face of such problems, it was suggested that professionals in the area re-evaluate and reformulate the teaching of the oral modality in order to increase the linguistic capacity of the student, make him reflect on the relevance of speech in different contexts in order to make it capable of manifesting orally in various social settings, at varying levels of formality. Thus, according to Marcuschi (2010), when he states that verbal communication is only possible through some textual genre, which is a sociodiscursive entity, and according to the National Curriculum Parameters (NCP), which state that the work with the genders addressing social, cultural, communicative and linguistic aspects, the study of language through this process was defended. In this regard, as it is the school's duty to allow the student access to the formal oral genres, it had been suggested to work with the oral gender job interview, adapting it to the needs and perspectives of the selected public. Based on action research, the theoretical and methodological materials offered by the Municipal Department of Education of the City of Rio de Janeiro and a questionnaire, prepared by the researcher and answered by Portuguese Language teachers with SME-RJ, were used as tools of analysis. the objective of verifying how the oral modality is present in their classroom practices. It was noticed that both the material and the teaching staff do not leave much to be desired in relation to the study and analysis of the formal oral modality of the language in the school routine. Given this, given the need to offer the same importance of writing and orality, didactic intervention was applied, culminating in the production of a video that simulates a job interview. Although not easy, it has been found that working with oral genres is critical for the critical, reflexive, autonomous development of the student and for his / her training as a citizen.

Keywords: Teaching. Textual genre. Orality.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

1. QUADRO 1 - Gêneros textuais segundo a modalidade de usos da língua por domínios discursivos.....	22
2. QUADRO 2 – Sugestões de gêneros orais apresentadas pelos PCN.....	28
3. QUADRO 3 – Objetivos com o trabalho de produção de textos orais.....	29
4. QUESTIONÁRIO – Questionário aplicado aos docentes.....	37
5. QUADRO 4 – Sequência didática para o projeto “Práticas orais: simulando uma entrevista de emprego”.....	45
6. GRÁFICO 1 – Quantidade de alunos que trabalham.....	49
7. GRÁFICO 2 - Quantidade de alunos que participaram de Entrevista de Emprego.....	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	155
2.1 Concepção de ensino e de linguagem: Bakhtin e Vygotsky.....	155
2.2 Gêneros textuais	199
2.2.1 Gêneros textuais orais.....	266
2.2.2. Gênero textual oral entrevista.....	299
2.2.3. Entrevista de emprego	31
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	333
3.1 Área e tipo de pesquisa.....	333
3.2 Local e sujeitos da pesquisa.....	34
4. ANÁLISE E PROPOSTA DA INTERVENÇÃO DIDÁTICA	35
4.1 O trabalho com a oralidade pela Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro.....	35
4.2 Questionário	377
4.3 Proposta de intervenção didática	40
5. APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
ANEXOS	62

1. INTRODUÇÃO

Tradicionalmente o estudo da disciplina de Língua Portuguesa pautou-se na escrita, estando a oralidade num patamar “inferior”, destituída de formalidades e, por muitas vezes, pedagogicamente esquecida pelos profissionais da área. Entretanto, estudos mais modernos, baseados na linguística sociointeracional e nas teorias de letramento, passaram a defender tal ensino observando o valor social e cultural da língua. Assim, como menciona Marcuschi (2001, p. 16), a língua materna tem que ser analisada, primeiramente, de acordo com seu uso, ou seja, o ensino de língua portuguesa não deve estar focado em regras gramaticais descontextualizadas ou em erros, mas no domínio da língua como instrumento social.

Num tal ensino gramaticalista, nem ao menos se ensina a gramática vigente, e sim fragmentos de uma língua arcaizada. Obriga-se o aluno a lidar com formas mumificadas, em vez de lhe mostrar a beleza, o interesse, a emoção e o valor da coisa viva, que lhe seria bem mais útil. (LUFT, 1997, p. 45)

Percebe-se, em muitos casos, ao final da vida escolar, uma falha no que tange o ensino da língua, tanto da modalidade oral quanto da escrita, pois se valorava o seu aspecto instrumental, e não o aspecto comunicativo.

O aluno chega à escola com um determinado conhecimento desses modelos; entretanto, por não ter sido exposto, na maioria das vezes, a reflexões sobre o processamento de cada uma dessas modalidades, atravessa o período escolar sem o discernimento desejado sobre as especificidades de uma ou de outra modalidade. (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 2014, p.13)

Uma vez ser uma prática social, o meio comunicativo ao qual o indivíduo tem acesso desde o seu nascimento, a fala, produto da oralidade, merece ênfase nos bancos escolares, já que, conforme Assunção, Mendonça e Delphino (2013, p. 167) ela determina o ser humano enquanto sujeito no mundo em que vive. Desse modo, cabe ao professor o desenvolvimento de atividades que despertem a reflexão, a curiosidade e o desejo de aprender dos alunos.

Com a finalidade de conscientizar os discentes quanto ao uso das diferentes formas de comunicação a que temos acesso no nosso dia a dia, o presente trabalho tem como objetivo central apresentar uma proposta de atividade pedagógica, com base no ensino do gênero entrevista de emprego, que, além de ampliar a capacidade linguística do aluno, seja capaz de

incentivar o uso consciente, contextualizado dos gêneros textuais orais formais. Através desse estudo, espera-se que o aluno perceba a necessidade de conhecer e de se apropriar do gênero entrevista de emprego para que tenha sucesso no mercado de trabalho, uma demanda da sociedade contemporânea.

Com base em teóricos como Marcuschi (2001; 2008; 2010), Bakhtin (1997; 2009), Dolz e Schneuwly (2004), Koch e Elias(2014; 2015), entre outros que nos serviram como suporte teórico para estudo e reflexão do tema, buscamos analisar o valor que a modalidade oral assume, como conteúdo a ser desenvolvido, que deve ser aprimorado e avaliado, dentro da disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Nesta perspectiva, vale observar:

Um trabalho consistente com a oralidade em sala de aula não diz respeito a ensinar o aluno a falar, nem simplesmente propor apenas que o aluno “converse com o colega” sobre um assunto qualquer. Trata-se de identificar, refletir e utilizar a imensa riqueza e variedade de usos da língua na modalidade oral. (CAVALCANTI, MELO, 2007, p. 89)

Desse modo, acredita-se que o trabalho em sala de aula deve focar não somente o ensino de leitura e escrita, mas também deve oferecer atividades que direcionam para que a competência oral possua o mesmo nível de importância. O uso consciente, efetivo e criativo da fala, da leitura e da escrita permite que a pessoa se encontre apta a refletir sobre a língua e suas regras. Desse modo, uma proposta pedagógica que vise à ampliação dos usos formais da oralidade a partir de um gênero textual específico, tal como uma entrevista de emprego, vai ao encontro do novo conceito de ensino da língua portuguesa: “ensino da língua para o letramento, para empoderamento e inclusão social, através de práticas de linguagem que se insiram no contexto de sua realidade social e cultural.” (GOMES, 2009, p. 83) A partir desta visão, o professor, utilizando a linguagem em seus múltiplos aspectos, estará formando não apenas um aluno com conhecimento técnico de uma disciplina específica; mas, sim, um cidadão.

A escola é, então, o lugar em que o ensino de língua materna deve consolidar o desenvolvimento da competência linguística interlocutiva, leitora e escritora de seus alunos, de maneira que possam interagir adequadamente em diversas instâncias sociais, que exigem constantemente uma grande variedade de gênero orais e escritos. O lugar de ensino de língua deve valorizar a produção e a análise do texto oral, tanto quanto a do escrito, de diversas perspectivas teóricas. (CRESCITELLI, REIS, 2014, p. 32)

Apesar das recentes literaturas sobre o desenvolvimento da oralidade e sobre sua importância no ambiente escolar, poucas são as práticas que se voltam a esta temática, tendo-a

como foco da aprendizagem. Habitualmente, as atividades orais, quando são apresentadas aos estudantes, servem de introdução e/ou de apoio às atividades escritas, sendo apenas estas últimas as passíveis de avaliação. Portanto, os profissionais da área devem refletir, reavaliar e reformular o ensino da oralidade, de modo que não seja algo superficial ou secundário, mas sim algo que faça o aluno refletir e compreender os usos sociais da fala e suas funções dentro de determinados contextos.

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. De nada adianta aceitar o aluno como ele é mas não lhe oferecer instrumentos para enfrentar situações em que não será aceito se reproduzir as formas de expressão próprias de sua comunidade. É preciso, portanto, ensinar-lhe utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente. (BRASIL, 1997, p. 38)

Por conseguinte, com o intuito de preparar os alunos às demandas sociais que os cercam, a proposta temática apresentada se volta à oralidade e seus usos. Por esta razão, desenvolver-se-á pesquisas sobre os gêneros textuais orais e suas aplicabilidades, focando a análise no gênero entrevista e seus desdobramentos. Para tal, a partir de uma atividade que simula uma situação comunicativa de entrevista de emprego, busca-se um trabalho efetivo e consciente ligado à oralidade, que culmina na composição de um vídeo que simula uma entrevista de emprego. Material que estará disponível para os outros alunos no acervo da biblioteca da Unidade Escolar e em um *site* de compartilhamento de vídeos denominado “Youtube”.

O estudante, ao ter a possibilidade de se tornar agente de seu aprendizado, passa a ter uma visão mais ampla e crítica do conhecimento. Sendo assim, uma intervenção pedagógica deve ponderar, além de um conteúdo programático adequado, uma atividade que desperte interesse e tenha funcionalidade na “vida real” dos discentes, não se restringido ao universo de tarefas escolares. Desse modo, diante do público selecionado, uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal do Rio de Janeiro, optamos pelo trabalho com o gênero oral formal entrevista de emprego, por saber que a grande maioria destes jovens, ao terminarem este ciclo de estudo, vai em busca de seus primeiros empregos, ora por necessidade familiar, ora por estar em busca de uma certa independência financeira. Por mais que não seja uma situação real, acredita-se que a simulação já é suficiente para o aluno perceber as variações da

oralidade e poder selecionar conscientemente o modo como irá se comunicar diante do entrevistador em uma seleção.

Salienta-se que a proposta aqui defendida encontra-se de acordo com as recomendações apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), material suporte dos professores no Brasil, e que nos guia quanto à elaboração da presente intervenção:

Dessa forma, cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (BRASIL, 1998, p.25)

O atual trabalho está organizado em seis capítulos, sendo o primeiro esta introdução e o último as considerações finais. O segundo capítulo trata-se dos pressupostos teóricos, que se subdivide nos temas que envolvem os gêneros textuais e o ensino, passando para a análise dos gêneros orais formais e especificamente do gênero oral entrevista de emprego.

O terceiro capítulo refere-se à metodologia, apresentando a área e o tipo de pesquisa desenvolvidos, bem como o local e os sujeitos da pesquisa. Já o quarto capítulo aborda a análise da proposta de intervenção didática, parte onde há a descrição das atividades e a análise dos resultados. Também há a análise do trabalho proposto pela Secretaria de Educação da Cidade do Rio de Janeiro no que tange à oralidade. O capítulo quinto apresenta a aplicação da sequência didática e análise dos resultados, considerando o projeto em análise. Por fim, nas considerações finais, serão apresentadas as observações sobre os objetivos alcançados nesta pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo abordaremos a concepção de ensino e de linguagem, observando as contribuições sociointeracionistas e as propostas apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, pautadas na linguística textual. Abordaremos, também, o estudo dos gêneros textuais, bem como a necessidade de os gêneros textuais orais receberem o mesmo valor que os gêneros escritos recebem nas aulas de língua portuguesa. Como sugestão de um trabalho efetivo pautado na oralidade, focaremos a análise no gênero oral entrevista de emprego.

2.1 Concepção de ensino e de linguagem: Bakhtin e Vygotsky

Não há como analisar os processos educacionais em torno da Língua Portuguesa desvinculados das concepções de linguagem. Entretanto, devido à proposta aqui apresentada, ficaremos focados nas contribuições sociointeracionistas e naquelas que se assemelham a ela em algum ponto, como a concepção vygotskyana.

Partindo da concepção de linguagem proposta por Bakhtin (1997), entendemos a língua como um fenômeno social. Em sua teoria dialógica, a interação com “o outro” é uma necessidade, pois a comunicação não ocorre entre um locutor ativo e um ouvinte passivo, mas sim de forma viva, onde os envolvidos desenvolvem atitudes ativas em relação ao discurso.

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma *atitude responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma *atitude responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prece de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 1997, p.163)

A concepção vygotskyana, mais social e interativa, propõe que o conhecimento acontece através de interações sociais. Ademais, salienta a importância cultural do indivíduo, uma vez que, para ele, todo sujeito tem sua história, que não deve ser apagada ou negada no processo de

aprendizagem. Desse modo, a linguagem é vista como produto social, sendo um instrumento de mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Sobre tal aspecto, afirma-se:

Na abordagem vygotskyana, o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações que acontecem em uma determinada cultura. O que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural em que se insere. Assim, é possível constatar que o ponto de vista de Vygotsky é que o desenvolvimento humano é compreendido não como decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento, mas sim como produto de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro. (NEVES, DAMIANI, 2006, p.7)

Assim, há uma relação intrínseca entre conhecimento e linguagem: devido à necessidade do ser em construir um conhecimento bem como de se comunicar, o processo se desenvolve de maneira interacionista por meio da linguagem, que também se desenvolve e se modifica em virtude das necessidades comunicativas presentes na sociedade. Como um agente social, o homem usa a língua como instrumento cultural de mediação e de comunicação. Desse modo, se pensarmos em ações escolares sobre o olhar de Vygotsky, entendemos que cabe ao professor interferir e estimular o desenvolvimento dos alunos, transmitindo o seu conhecimento acumulado, que se deve a mais experiências históricas e culturais vividas.

A proposta de ensino de linguagem, apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), salienta a responsabilidade das instituições escolares em oferecer aos alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para a formação cidadã, levando em conta os valores sociais e culturais que os cercam. Assim, seguindo as concepções sociointeracionistas, objetiva-se, ao longo do Ensino Fundamental, que os estudantes sejam capazes de interpretar e de produzir diferentes textos que circulem socialmente nas inúmeras situações. Tal documento apresenta o avanço ocorrido nas últimas décadas, quanto à preocupação com um ensino que, desde o início até o fim desse ciclo, entende a língua como prática social, e não mais o ensino de um falar mais “correto” em detrimento de outros:

Os esforços pioneiros de transformação da alfabetização escolar consolidaram-se, ao longo de uma década, em práticas de ensino que têm como ponto tanto de partida quanto de chegada o uso da linguagem. Práticas que partem do uso possível aos alunos e pretendem provê-los de oportunidades de conquistarem o uso desejável e eficaz. (...) Em que as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensarem sobre a linguagem para poderem compreendê-la e utilizá-la adequadamente. (BRASIL, 1997, p.20 e p.21)

Destarte, os PCN (1997/1998) apontam tanto para os valores históricos quanto para os valores sociais da linguagem. Esta é vista como “processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p.20). Ademais, frisa-se seu caráter social, afirmando que “pela linguagem se expressam ideias, pensamentos e intenções, se estabelecem relações interpessoais anteriormente inexistente e se influencia o outro, alterando suas representações da realidade e da sociedade e o rumo de suas (re)ações”(BRASIL, 1998, p.20).

A interação com o outro pela linguagem é uma atividade discursiva não aleatória. A riqueza da análise comunicativa, remete à importância deste processo entre os interlocutores, ponto este que se fundamenta em:

interação caracteriza-se por situar-se em um contexto em cujo âmbito se estabelece um campo de ação comum, no qual os sujeitos envolvidos (locutor/enunciador – interlocutor/leitor) podem entrar em contato. (...) Ainda podemos dizer que a interação baseia-se em uma série de regras e pode até introduzir alterações no contexto, configurando-se como um processo circular em que ações de cada participante determinam um retorno por parte do outro ou dos outros sujeitos implicados. (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 2014, p.14)

Nota-se que o estudo das modalidades de comunicação não pode estar preso apenas ao ato da fala ou da escrita, ele requer uma visão mais global, sociointeracionista da língua. Portanto, utilizar-se dos gêneros textuais para este fim, permite um olhar mais reflexivo sobre tais ações. Principalmente nas práticas orais, muitos aspectos em relação à interação devem ser observados, haja vista que ela norteia todo o processo comunicativo. As autoras também apontam que os interlocutores se envolvem de maneiras diferenciadas, e isso decorre devido às diversas percepções e interpretações que podem ter e devido a algumas características intrínsecas dos participantes, tais como “sociais – idade, sexo, raça, classe social, profissão; psicológicas – amável, agressivo, sério, calmo, nervoso, inquieto etc.; relacionais – participantes conhecidos ou não, grau de intimidade entre eles” (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 2014, p.16).

Por conseguinte, por mais que muitas vezes ocorram de forma intuitiva, a atividade comunicativa deve observar algumas condições de uso, como: finalidades e objetivos do que se pretende dizer, quem é o interlocutor, qual o grau de conhecimento que ele possui sobre o assunto, qual a relação social entre os interlocutores, qual o contexto em que a comunicação está inserida, entre outros.

Ao serem elaboradas, as ações discursivas são reproduzidas em textos orais ou escritos, como menciona os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.21): “O produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto” É lógico que o texto não se manifesta no vazio, ele é elaborado e executado de forma coerente dentro dos gêneros. O referido documento também destaca essa relação:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura.” (BRASIL, 1998, p.21)

Observa-se que essa interação com o outro através da língua, defendida por Vigotsky, é ratificada na concepção de Bakhtin, conhecida por ser sociointeracionista. É a partir delas, juntamente com as propostas apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que aqui propomos um olhar sobre o ensino e aprendizagem, que vise o aspecto comunicativo da língua, não apenas numa concepção técnica, mas como instrumento de interação com indivíduos e com o meio. Para tanto, defendemos o desenvolvimento do ensino da Língua Portuguesa a partir dos gêneros textuais, já que, por meio deles, podemos analisar a língua em seus múltiplos aspectos e em situações de uso.

A linguística textual, ciência que analisa e explica as diferentes concepções do texto, mostra-nos que, ao longo das últimas décadas, houve muitos estudos e significativa evolução nas pesquisas em torno do campo textual.

“Desde seu surgimento até hoje, a Linguística Textual percorreu um longo caminho e vem ampliando e modificando a cada passo seu espectro de preocupações. De uma disciplina de inclinação primeiramente gramatical (análise transfrástica, gramáticas textuais), depois pragmático-discursiva, ela transformou-se em disciplina com forte tendência sociocognitivista: as questões que ela se coloca, no século XX, são as relacionadas com o processamento sociognitivo de textos escritos e falados” (KOCH, 2002, p153)

Atualmente, a noção de texto está mais ligada às tendências sociocognitivas. Critérios, tais como: situacionalidade, intencionalidade, contextualização, entre outros, que passaram a também fazer parte da análise textual, unem-se a outras questões, como, por exemplo, a relação entre oralidade e escrita e o estudo dos gêneros textuais – ponto chave dos estudos mais modernos. Neste tocante, é fundamental que a relação entre linguagem, texto e gêneros seja

compreendida pelos professores de Língua Portuguesa e que estes possam transmitir em suas aulas o ensino de uma língua dinâmica, cuja importância está atrelada tanto a aspectos sociais e históricos quanto a interação com o outro. Assim, a Linguística Textual torna-se de grande valia para que estes profissionais tenham conhecimento para desenvolverem suas atividades dentro do que se intenta nos PCN.

2.2 Gêneros textuais

Como menciona Bakhtin (1997), o acesso a gêneros do discurso (que aqui serão chamados, por uma escolha mais pedagógica, de gêneros textuais) ocorre desde muito cedo. Da mesma forma que, já desde o nascimento o bebê tem contato com a língua materna, ele também o tem com os gêneros textuais. Isso porque a comunicação oral acontece dentro de determinados enunciados, ou seja, em situações comunicativas que possuem uma estrutura pré-moldada, com características específicas, que vem a ser os gêneros textuais. Essa relação acontece em conjunto, sem necessidade de conhecimentos teóricos para o seu uso. Sabe-se que a criança desconhece as regras gramaticais quando inicia a fala - não há que dominar as normas da língua para ser um falante.

Assim, em muitos momentos, o usuário não se dá conta de que é o produtor de um determinado gênero, faz por reprodução, por já tê-lo ouvido e assimilado algumas de suas características. Dominar um gênero, portanto, não é decorrência de um estudo prévio, e sim de uma necessidade comunicativa.

Assimilamos as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente e sem que sua estreita correlação seja rompida. Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras isoladas). (BAKHTIN, 1997, p. 169)

Entretanto, vale ressaltar que, mesmo em muitos casos, onde a escolha de um gênero seja inconsciente e intuitiva, ele tem um molde, um padrão a ser seguido. É esse modelo que faz com que reconheçamos quando e onde usar determinadas estruturas, por exemplo: um livro de fábulas infantis terá determinados componentes - linguagem fácil, imagens – bem diferentes de um livro da área médica – linguagem mais formal, mais técnica. Outro exemplo seriam as

escolhas comunicativas de uma mesma pessoa em situações distintas: a fala em uma palestra é bem diferente da fala em um ambiente familiar.

De acordo com Bakhtin (1997), o gênero pode ser caracterizado pelo seu “plano composicional”, que tende a ser seu modelo, a sua forma; pelo seu “conteúdo temático”, relacionado ao assunto proposto, e o estilo, padrões lógicos adotados dentro do texto – estruturação, sequências lógicas etc - e “fora do texto”, os aspectos paralinguísticos, – relação entre os interlocutores, por exemplo. Esses elementos, fazem-nos escolher por um gênero específico em decorrência de nossos objetivos comunicativos, pois, como menciona Koch (2015), desenvolvemos uma “competência metagenérica”, que é responsável por guiar nossas escolhas e usos, e fazer-nos interagir de forma adequada às diversas práticas sociais das quais podemos participar.

Isto posto, podemos observar que as características e as distinções entre os gêneros decorrem em variados aspectos textuais e sociais: modalidade de uso da língua (fala ou escrita), público, ambiente comunicativo, nível de formalidade, seleção lexical etc. A fim de corroborar esta afirmação, citamos Ingedore Koch:

Todos nós, falantes/ouvintes, escritores/leitores, construímos, ao longo de nossa existência uma competência metagenérica, que diz respeito ao conhecimento de gêneros textuais, sua caracterização e função. É essa competência que nos propicia a escolha adequada do que produzir textualmente nas situações comunicativas que participamos. (...) Ainda é essa competência que possibilita aos sujeitos de uma interação não só diferenciar os diversos gêneros (...) como também identificar as práticas sociais que os solicitam (KOCH, 2015, p. 54,55)

Por mais que haja modelos que caracterizam os gêneros textuais, vale ressaltar que eles não possuem padrões fixos, estanques. Por estarem ligados às práticas sociais e comunicativas, que estão em constantes modificações, eles podem sofrer algumas mudanças e, até mesmo, resultarem em novos gêneros, como, por exemplo, as mensagens de textos – gênero recente, introduzido pelo uso das redes móveis de comunicação, que, de certa forma, são decorrentes dos bilhetes. Conforme Bakhtin (1997, p.169), o gênero é uma “forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo”. Já Koch (2015, p.58), mostra-nos como ocorrem estas mudanças, são “decorrentes das transformações sociais, de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, bem como de modificações conforme o lugar atribuído ao ouvinte”.

Para Marchuschi (2010), os gêneros são “entidades sociodiscursivas” (p.16); assim sendo, estão diretamente ligados à cultura da sociedade em que estão sendo desenvolvidas. O citado autor esclarece:

Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos... (...) Quase inúmeros em diversidades de formas, obtém denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer. (MARCHUSCHI, 2010, p. 20)

Quando um falante ou autor se utiliza de algum gênero, enquadra os seus objetivos e intenções comunicativas dentro de alguns moldes pré-estabelecidos; todavia, esses padrões não descaracterizam um processo de individualidade. Há escolhas que particularizam o uso do gênero. Vale dizer que este usuário não se encontra livre para menosprezar algumas estruturas estáveis dos gêneros; por outro lado, ele tem uma certa liberdade, que o faz ser agente daquela produção, dando a sua marca individual ao gênero escolhido. Não podemos negar a existência de gêneros mais estáveis, mais formais e outros mais informais.

Por conta desta situação, há aqueles que aceitam maior interferência individual, por possuírem estruturas mais instáveis, como o gênero diário; e outros mais formais, que permitem menos interferência de seu autor, como um parecer jurídico. Sobre estas distinções, Bakhtin (1997) diferencia os gêneros textuais em dois grupos: os primários e os secundários; os primeiros sendo os mais simples e o último os mais complexos. De acordo com o autor, os secundários são mais formais, mais complexos; portanto, mais rígidos em suas peculiaridades e mais ligados à escrita. Os primários são os gêneros mais voltados à coloquialidade, muito relacionados à linguagem verbal espontânea; desta forma, são, comumente mais passíveis de transformações.

Em decorrência do estudo dos gêneros textuais, um ponto que também merece destaque é a noção de domínio discursivo. Este é constituído de práticas discursivas que, por possuírem especificidades, permitem-nos agrupar um conjunto de gêneros textuais em decorrência de rotinas comunicativas que os aproximam. Trata-se de um ambiente, de um contexto com práticas comunicativas institucionalizadas.

Usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses *domínios* não são textos nem discurso, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em *discurso jurídico*, *discurso jornalístico*, *discurso*

religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhes são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas. (MARCUSCHI, 2010, p.24, p.25)

Ao relacionar domínios discursivos aos gêneros textuais, Marcuschi (2010, p. 25) faz a seguinte diferenciação: nos gêneros textuais “predominam os critérios de *ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade*”; já os domínios discursivos “são as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam”. Ou seja, dentro dos domínios discursivos circulam gêneros que se assemelham em alguns aspectos. Embora o autor (2008) afirme que os domínios não se tratam de princípios classificatórios, mas sim de instâncias discursivas, ele propõe um quadro com alguns gêneros textuais, tanto da modalidade escrita quanto da oral, que são distribuídos em 12 domínios discursivos. Como visto a seguir:

Quadro 1 – Gêneros textuais segundo a modalidade de usos da língua por domínios discursivos

Domínios discursivos	Gêneros textuais
Instrucional (científico, acadêmico e educacional)	<p>Escrito - Artigos científicos (...) tese, dissertação (...) solicitação de bolsa, cronograma de trabalho (...) certificado de proficiência, atestado de participação (...)</p> <p>Oral – conferência, debate, discussão, exposição, comunicação, aula participativa, aula expositiva, entrevista de campo (...) aula de concurso, aula em vídeo (...)</p>
Jornalístico	<p>Escrito - Editoriais, notícias, reportagem (...) crônica policial, crônica esportiva, entrevista jornalística, anúncios classificados, anúncios fúnebres, carta do leitor (...)</p> <p>Oral – Entrevistas jornalística, entrevista televisiva, entrevista radiofônica (...)notícias de rádio, notícia de TV, reportagem ao vivo (...)</p>

Interpessoal	<p>Escrito - Carta pessoal, carta comercial, carta aberta (...) cartão de visita, e-mail, bilhete (...) lista de compras (...)</p> <p>Oral - Recados, conversação espontânea, telefonema, bate-papo virtual, convite (...)</p>
Jurídico	<p>Escrito - Contrato, lei, regulamento, estatuto (...) certidão de casamento, certidão de óbito (...) decreto-lei, medida provisória (...)</p> <p>Oral – tomada de depoimento, arguição, declaração (...) inquérito policial, ordem de prisão</p>
Comercial	<p>Escrito - Rótulo, nota de venda, fatura, nota de compra (...) carta comercial, parecer de consultoria, formulário de compra (...) nota de serviço, controle de estoque (...) certificado de garantia, atestado de qualidade (...)</p> <p>Oral - Publicidade de feira, publicidade de TV (...) refrão de feira, refrão de carro de venda de rua (...)</p>
Ficcional	<p>Escrito - Épica–lírica– dramática, poema, Conto, mito, peça de teatro (...) história em quadrinhos, romances (...)</p> <p>Oral - Fábula, conto, lenda, poema, declaração, encenação</p>
Publicitário	<p>Escrito - Propaganda, publicidade, anúncio, cartaz, folheto (...) endereço eletrônico, endereço de internet</p> <p>Oral - Publicidade na TV, publicidade no rádio</p>

Religioso	Escrito - Oração, reza, catecismo, homilia (...) penitência, encíclica papal Oral - Sermão, confissão, reza, cantorias, orações (...)
Industrial	Escrito - Instruções de montagem, descrição de obras (...) atestado de validade, manual de instrução Oral – Ordens
Lazer	Escrito - Piada, jogos (...) palavra cruzada, horóscopo Oral - Fofocas, piadas, adivinhas, jogos teatrais
Saúde	Escrito - Receita médica, bula de remédio, parecer médico (...) Oral - Consulta, entrevista médica, conselho médico
Militar	Escrito - Ordem do dia, roteiro de cerimônia oficial, roteiro de formatura, lista de tarefas Oral - Ordem do dia

Fonte: Adaptação de MARCUSCHI, 2008, p.194-196

É importante frisar que o quadro proposto não tem como objetivo esgotar todos os gêneros ou todos os domínios discursivos existentes, já que seria um trabalho sem fim devido às variadas mudanças comunicativas que ocorrem constantemente na nossa sociedade e devido aos inúmeros critérios que podem ser utilizados para que as classificações ocorram, tais como, a forma do gênero textual, o conteúdo apresentado, os objetivos comunicativos, o suporte utilizado.

A fim de corroborar o fato de que o quadro não se propõe esgotar as possibilidades discursivas, tomemos a nossa proposta de atividade. Sabe-se que o gênero textual em análise é a entrevista de emprego. Embora não apareça no quadro proposto por Marcuschi, não se pode negar a sua existência. Desse modo, podemos “acrescentar” à listagem trazida no Quadro 1 um outro domínio discursivo, o “Empresarial”. Além do gênero entrevista de emprego, nele figuram outros, como: relatórios, requerimentos, videoconferências, “e-mails”, entre outros. Esses são comuns no cotidiano daqueles que participam do contexto comunicativo específico empresarial.

Com o intuito de compreender melhor o funcionamento dos gêneros, devemos agregar também ao nosso estudo uma breve análise sobre o lugar onde eles circulam. O suporte é um ambiente físico ou virtual que serve como base para o gênero. É através dele que os gêneros circulam na sociedade; portanto, possui vasto valor social e histórico, dado que todo gênero tem um suporte. Todavia, essa relação não é tão simplista. Em algumas situações ele pode definir qual o gênero de uma determinada mensagem, já que tem relação direta com os objetivos que se desejam alcançar na comunicação. Para Marcuschi (s.d., p. 10), a tentativa de definir o suporte engloba três aspectos:

- * suporte é um lugar físico ou virtual
- * suporte tem formato específico
- * suporte serve para fixar e mostrar o texto

O autor, em seu artigo “A questão do suporte dos gêneros textuais”, distingue o suporte de acordo com a sua natureza. Aqueles que foram criados com a intenção de portarem textos são denominados de “convencionais”; já aqueles que portam ocasionalmente um texto, que não foram criados com esta finalidade, são chamados de “incidentais”. Assim, livros, revistas, rádios, “outdoor” seriam exemplos de suportes convencionais; já para-choques de caminhão, corpo humano, paredes/muros são os “incidentais”. Em separado, devido às dúvidas que ainda não foram sanadas, o linguista aponta uma terceira distinção “Casos claros de serviços em função da atividade comunicativa” (s.d., p.29-31) Nesta parte, há alguns itens que ora são tratados como serviços – aparato que permite a veiculação de um gênero- ora como suportes. A “Internet” e a “homepage e site” são vistas, por exemplo, mais como suporte para o autor, embora admita também a possibilidade de ter a função de serviço. Um outro aspecto, que cabe aqui salientar, é o significado de “canal”- meio físico que transmite o gênero -, uma vez que em

alguns momentos canal e suporte se confundem. De acordo com Marcuschi (s.d., p.7) “o canal se caracteriza como um condutor e o suporte como fixador”.

No que tange à oralidade, as classificações merecem muito cuidado, dado que poucas literaturas existem sobre a temática. Em seu artigo, o citado autor afirma que, em alguns casos, os próprios eventos orais podem ser interpretados como suportes, tal como “um congresso acadêmico seria o suporte de conferências e comunicações orais” (s.d., p.3). Portanto, concluímos que, em relação à oralidade, muitos estudos ainda estão por vir para que possamos nortear a noção de gênero e suporte, principalmente no que se refere às atuais tecnologias.

2.2.1 Gêneros textuais orais

Seguindo uma visão de que a língua é uma atividade social, histórica e cognitiva e de que o seu estudo deve se focar em sua natureza funcional e interativa, bem como que os gêneros textuais são práticas sociais que envolvem circunstâncias que extrapolam o meramente formal, iremos nos ater à oralidade e suas aplicações sócio-comunicativas. Marcuschi (2007, p. 40) afirma que "A oralidade seria uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais que vão desde o mais informal ao mais formal e nos mais variados contextos de uso". Dessa maneira, a socialização do sujeito requer o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas nas mais diversas situações de práticas comunicativas.

Todavia, vale ressaltar que entendemos que as modalidades falada e escrita não estão em polos opostos. Concordamos com a visão de Marcuschi (2001, p.37) quando afirma que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos”. Daí decorre o cuidado que teremos em distinguir gêneros orais de gêneros escritos, pois sabemos que é uma distinção relativa, uma vez que pode haver ora um entrecruzamento ora um afastamento das características que os distinguem. Sem esquecer das circunstâncias que levam a produção de um “gênero misto”, em que oralidade e escrita estão muito próximas; por exemplo, o gênero noticiário de TV, que, embora seja transmitido oralmente, sua elaboração se dá pela escrita.

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de

variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos. (MARCUSCHI, 2001, p. 42)

O trabalho com a oralidade em sala de aula deve ser amplamente planejado e despido de preconceitos linguísticos, já que, conforme mencionado, por muito tempo ela esteve à sombra da escrita. Em relação a esta falsa primazia, Marcuschi (2001) a justifica devido à força com que a escrita entrou nas sociedades mais modernas, sendo que seu uso se tornou sinônimo de educação, desenvolvimento e poder, tendo, portanto, um valor social de destaque em relação à oralidade. Outro ponto que também favoreceu esse equívoco é a forma como ocorre o aprendizado dessas duas modalidades de uso da língua: a oralidade é adquirida desde o nascimento, em situações informais, cotidianas; já a escrita, por ter um caráter mais formal e dotado de regras é desenvolvida no ambiente escolar. Assim, a análise entre elas não deve ser em torno da formalidade, mas em relação ao seu uso.

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2001, p. 17)

Com base nesta percepção, tanto a escrita quanto a oralidade devem ser trabalhadas de forma sistemática e integrada nos bancos escolares, visão esta que também é defendida por Fávero, Andrade e Aquino. As pesquisadoras, na mesma linha de entendimento sobre o *continuum* das duas modalidades de comunicação, ponderam:

Interessa-nos enfatizar a necessidade de um trabalho de integração fala/escrita pela escola, por entendermos que o estudo da oralidade merece ocorrer paralelamente ao da escrita, em razão do *continuum* e não de um fenômeno com diferenças estanques, dado que a grande diferença encontra-se apenas no modo de verbalização, via aparelho fonador ou via elementos gráficos. (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 2014, p.14)

Por muito tempo, e ainda hoje percebido em algumas rotinas pedagógicas, o trabalho com a oralidade era principalmente desenvolvido como suporte para a escrita, como um caminho para se chegar a ela, por exemplo, em atividades de leitura em voz alta. No entanto, com os avanços dos estudos no campo da linguística, observou-se que o processo de aprendizagem da língua não deve apenas se ater à forma escrita, mas também deve privilegiar a forma oral. Por serem atividades comunicativas e práticas sociais situadas, os seus usos reais devem ser o foco do ensino da língua portuguesa. Do mesmo modo que a escrita, a forma oral

apresenta características que lhes são próprias. “A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização informal à mais formal nos mais variados contextos de usos”. (MARCUSCHI, 2001, p.25). Reconhecê-las e sabê-las utilizar de forma adequada e consciente, permitirá ao estudante uma visão mais ampla dos lugares que ele pode assumir e a forma como ele pode se expor dentro de variadas circunstâncias sociais.

Estudar o texto oral de maneira contextualizada, observando sua organização e complexidade, constitui uma forma de levar o aluno a ter consciência dos traços da oralidade(...) Adquirido o conhecimento a respeito do funcionamento do texto falado, em variados gêneros orais, o aluno terá condições não apenas de se aprimorar de gêneros orais e de fazer usos de suas características para um bom desempenho como falante, como também de saber evitar as marcas de oralidade no seu texto escrito, quando elas não forem convenientes (e, por outro lado, saber utilizar-se delas na escrita quando for adequado e conveniente). Subjacente a essas atividades, está o pressuposto da importância de refletir sobre as estratégias próprias do texto falado, sobre as suas formas de organização e sobre suas condições de produção. (CRESCITELLI, REIS, 2014, p. 34)

Assim sendo, o educador deve respeitar as variações de língua dos alunos e, a partir delas, traçar ações pedagógicas que os permitam refletir sobre as práticas comunicativas orais, ao ponto de fazê-los compreender e selecionar os seus usos em múltiplos contextos sociais. A linguagem oral deve ser trabalhada nas diversas situações comunicativas, de variados gêneros orais, principalmente as mais formais, tais como: entrevistas, debates, seminários, dramatizações, entre outros. Como referência básica para o trabalho de produção de textos orais em sala de aula, há a seguinte sugestão de gêneros orais trazida pelos PCN para ser trabalhada nas séries finais do Ensino Fundamental:

Quadro 2 – Sugestões de gêneros orais apresentadas pelos PCN

LITERÁRIOS – canção, textos dramáticos;

DE IMPRENSA – notícia, entrevista, debate, depoimento;

DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA – exposição, seminário, debate

Adaptado: (BRASIL, 1998, p.57)

Em relação a este ensino, Dolz e Schneuwly (2004, p.74) afirmam “Já que o papel da escola é sobretudo o de instruir, mais do que educar, em vez de abordamos os gêneros da vida privada cotidiana, é preciso que nos concentremos no ensino dos gêneros de comunicação

pública formal”. Através dessas práticas, a escola possibilita o acesso a usos da linguagem oral mais formalizados, planejados, que exigem do aluno um discurso mais consciente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que as atividades escolares foquem em situações de uso público da linguagem, a fim de que haja um real domínio tanto da expressão oral quanto da escrita. De acordo com os PCN, espera-se que, em decorrência de um efetivo trabalho de produção de textos orais, o aluno:

Quadro 3 – Objetivos com o trabalho de produção de textos orais

- planeje a fala pública usando a linguagem escrita em função das exigências da situação e dos objetivos estabelecidos;
- considere os papéis assumidos pelos participantes, ajustando o texto à variedade linguística adequada;
- saiba utilizar e valorizar o repertório linguístico de sua comunidade na produção de textos;
- monitore seu desempenho oral, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores e reformulando o planejamento prévio, quando necessário;
- considere possíveis efeitos de sentido produzidos pela utilização de elementos não-verbais.

(BRASIL, 1998, p.51)

Diante de tais objetivos, uma educação que se propõe a enxergar a língua em seu uso e que valorize a oralidade e a escrita é o grande desafio no que se refere ao estudo da língua portuguesa. É primordial, portanto, o desenvolvimento de atividades contextualizadas, que, realmente, tenham sentido para os falantes e ouvintes; e não meras situações de “treinamento escolar”, mecânicas e/ou superficiais.

2.2.2. Gênero textual oral entrevista

Diante das mais diversas opções de interação que nós, falantes, podemos nos envolver, observá-las, interpretá-las e usá-las de maneira reflexiva é de fundamental importância para o engrandecimento cultural, social e linguístico, já que:

Numa interação verbal prevê-se envolvimento entre os participantes da atividade discursiva que buscam atingir determinados objetivos, observando-se um jogo de negociações. Os interlocutores, em toda a interação, reúnem-se a papéis sociais, contexto situacional, conhecimento partilhado, entre outros, que são imprescindíveis e dão a orientação para o encaminhamento da produção textual. (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 2014, p.16)

Dentre as atividades de produção de textos orais propostos nos PCN (1998, p.75), há a seguinte sugestão de situações de interação para ser realizada pelos alunos: “entrevista com alguém em posição de poder ajuda a compreender um tema, argumentar a favor ou contra determinada posição”. Como um dos gêneros sugeridos a ser trabalhado no Ensino Fundamental na disciplina de Língua Portuguesa, a entrevista é tida como um excelente recurso de desenvolvimento de aprendizagem, uma vez que, a partir de sua análise e de seu uso, o aluno desenvolve algumas competências comunicativas, tais como: ouvir e falar, adequar a fala ao ambiente e aos interlocutores, observar o grau de formalidade exigido em situações específicas, diferenciar e respeitar as posições ora de falante e ora de ouvinte, observar a receptividade do outro à comunicação estabelecida. A entrevista

é um gênero essencialmente oral, estruturalmente vinculado a uma prática social raramente incluída na atividade pedagógica, de modo contextualizado. Entendemos que, na sala de aula, deve-se submeter a entrevista às normas gramaticais, à análise de base linguística, às normas de comportamento e de papéis sociais desempenhados na sociedade, a fim de preparar o aluno minimamente para a competição do mercado de trabalho. (CRESCITELLI, REIS, 2014, p. 34)

Destaca-se, também, o grau de complexidade que o estudo deste gênero apresenta, é necessário analisar tanto os aspectos linguísticos - variações, gramática, sintaxe, aspectos lexicais e fonológicos, quanto os paralinguísticos - gestos, movimentos faciais, entonações etc.

Conforme Urbano *et al* (1996, p.84), as entrevistas são “eventos conversacionais tipicamente desenvolvidos por meio de Perguntas e Respostas”, o que as diferencia das conversas espontâneas, Estas não apenas incluem o modelo de pergunta e respostas, mas também “se realizam por movimentos da fala de outros tipos”. Todavia, na entrevista, as respostas são muito mais complexas que em situações espontâneas de conversação, já que há mais cuidado com a seleção e escolhas da linguagem tanto do entrevistador quanto do entrevistado.

2.2.3. Entrevista de emprego

Entendendo o gênero textual como um “evento comunicativo” (Hoffnagel, 2010, p.196), consideramos que o gênero entrevista pode se ramificar em diversos outros gêneros (ou subgêneros) dependendo de seu propósito, de seu objetivo comunicativo, como, por exemplo: entrevista jornalística, entrevista médica, entrevista de emprego, entrevista de tevê etc. A partir desse conhecimento, selecionamos como objeto de nosso trabalho a entrevista para seleção de emprego, que tem como propósito verificar se um candidato está apto ou não a assumir algum cargo disponível. Sendo, portanto, um método muito eficiente para a seleção de pessoal adotado pelos empregadores.

Tal técnica de interação social não é apenas um simples jogo de diálogos. Cabe ao entrevistador elaborar perguntas tendenciosas a fim de averiguar além da capacidade técnica do candidato, se as informações prestadas no currículo são verdadeiras, se este estará comprometido com o trabalho no mesmo nível que o cargo exige, se há impedimentos em sua vida particular para o bom desenvolvimento do trabalho e outras, que podem ser exigidas de acordo com o contratante. Por conta disso, é muito comum que o entrevistador já tenha perguntas básicas formuladas previamente e algumas que são formuladas de forma simultânea ao desenrolar da seleção.

O entrevistado, em decorrência de todas essas avaliações, deve tentar passar a melhor impressão possível. Como confirma Oliveira (2007, p. 2), “Para isso, o candidato utiliza a linguagem como instrumento de ação que, por ser considerada inerente ao diálogo, atua sobre o comportamento do outro, sobre a opinião, fazendo o ouvinte assentir às teses que lhe foram submetidas.” Portanto, além de adequação comportamental, ele deve ter um esmero com a seleção da linguagem adotada e uma boa argumentação, a fim de convencer o outro que é o mais adequado a preencher a vaga em aberto.

De forma sucinta, o desenvolvimento do trabalho realizado a partir do gênero entrevista de emprego, possibilita um vasto conhecimento aos alunos, dentre eles, pode-se pontuar:

1. Examinar o uso estratégico de formas de tratamento que revelam as relações entre os atores sociais (qual a forma usada? há mudança de forma durante a entrevista? que tom o tratamento usado dá à interação? a forma é recíproca entre os atores);
2. Descobrir as reações possíveis a serem estabelecidas através do uso de uma das trocas mais comuns na interação verbal – pergunta e resposta, como por exemplo, a importância da formulação das perguntas no exercício do poder social conferido ao

entrevistador e as possibilidades e limitações na formulação de respostas.
(HOFFNAGEL, 2010, p.208)

Assim, de acordo com os propósitos levantados pelos PCN, o trabalho com os gêneros é muito maior que a sua simples apresentação como um tipo textual. Deve-se aprofundar o seu estudo observando os aspectos sociais, culturais, comunicativos e linguísticos.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta seção tem como objetivo expor a área e o tipo de pesquisa abordados para a confecção do presente trabalho. A partir de uma abordagem qualitativa, optamos por um trabalho pautado na pesquisa-ação. Além disso, apresenta-se o local onde as atividades foram desenvolvidas e os sujeitos que nelas participaram.

3.1 Área e tipo de pesquisa

O atual trabalho está pautado em uma abordagem qualitativa, uma vez que salienta a importância de atividades ligadas a práticas orais para o desenvolvimento do aprendizado efetivo e real da disciplina de Língua Portuguesa. Tem como base a Linguística Textual, já que a nossa pesquisa está direcionada ao uso do gênero textual entrevista de emprego, observando os tratamentos em torno dos níveis da oralidade bem como a relação oralidade/escrita. O estudo do texto falado ocorrerá de acordo com a concepção sociointeracionista, em que a língua é tida como instrumento social, de interação entre pessoas e meio.

O presente material é baseado na pesquisa-ação, que, de acordo com TRIPP (2005), envolve o aprimoramento tanto do trabalho de estratégias de ensino, como de aprendizado dos alunos. Aqui trataremos da questão da investigação-ação de maneira mais generalizada, partindo do raciocínio de que a atividade com os alunos deve ser monitorada, devendo-se criar possibilidades de dar autonomia aos discentes. Assim, a criação estratégica de situações que envolvem níveis diferentes de grau de formalidade em relação ao texto oral vai ao encontro de uma visão mais reflexiva em torno do uso da língua, e não apenas o seu estudo técnico.

O envolvimento entre professor e alunos, na criação da intervenção proposta, adequa-se à pesquisa-ação, posto que, por ter um conhecimento mais técnico e formal, o docente traz suas experiências e as molda a fim de moldá-las ao grau de conhecimento dos discentes. A estes cabe a análise, a reflexão e a construção de um discurso que ajusta o texto ao contexto, que aqui se dará na criação de uma entrevista de emprego, situação que exige uma formalidade na fala de seus participantes.

3.2 Local e sujeitos da pesquisa

A presente pesquisa tem como foco o trabalho realizado na Escola Municipal Professor Ari Marques Pontes, que está localizada no bairro de Guaratiba, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A escola fica numa região periférica, e os alunos provêm, majoritariamente, de famílias de baixa renda.

No ano de 2016, a pesquisadora encontrava-se de licença maternidade na matrícula da SME-RJ, o que dificultou a escolha da turma a ser trabalhada, bem como a entrada em sala de aula. Outro ponto problemático foi a mudança da Unidade Escolar, uma vez que o espaço onde a autora lecionava nos anos anteriores fora fechado. Diante de um público novo e de um novo ambiente escolar, só foi possível aplicar a intervenção ao longo do quarto bimestre.

Com o auxílio da direção e da coordenação, houve a escolha da turma 1906, do 9º ano do ensino Fundamental, para realizar a atividade de oralidade. Tal seleção se deu por ser este um grupo participativo, acostumado com projetos e por ter bom rendimento. A turma possui quarenta inscritos, com faixa etária que varia entre 14 a 16 anos.

4. ANÁLISE E PROPOSTA DA INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Nesta seção, realizaremos uma análise crítica dos suportes teóricos e pedagógicos propostos pela Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro. Ademais, apresentaremos as respostas de um questionário por nós elaborado, com o intuito de observar as práticas cotidianas dos professores de Língua Portuguesa da rede em relação ao ensino da modalidade oral da língua. Por último, haverá a apresentação da nossa proposta de intervenção didática.

4.1 O trabalho com a oralidade pela Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro

Há alguns materiais que foram elaborados pela SME-RJ e que são utilizados pelos docentes da área de Língua Portuguesa como referências para a elaboração das propostas pedagógicas a serem desenvolvidas em sala de aula.

As Orientações Curriculares de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro, em todos os anos do segundo ciclo do Ensino Fundamental, sugerem como “objetivo” o desenvolvimento da oralidade, observando as situações comunicativas. Por exemplo, para o 8º ano, ao longo dos quatro bimestres, pretende-se, como “habilidades” a serem desenvolvidas, *“reconhecer e utilizar marcas típicas da modalidade oral, adequando o padrão de linguagem à situação de comunicação”* (RIO DE JANEIRO, 2013b, p.47) e como “Sugestão” apresenta a seguinte atividade: “Júri simulado, identificando as diferentes marcas da oralidade constituidoras do discurso do juiz, do promotor, dos jurados etc” (RIO DE JANEIRO, 2013b, p.47).

Neste ponto, observa-se que, por mais que haja preocupação com o desenvolvimento das práticas orais em sala de aula, a sugestão proposta ilustra a forma como, recorrentemente, a escola aborda tal tema: em eventos que são distantes das práticas orais reais dos alunos, ou seja, uma situação comunicativa presa às paredes da sala de aula, que não leva em consideração os interesses, a maturidade e o conhecimento prévio dos estudantes. Mesmo que se faça uma

pesquisa aprofundada sobre o funcionamento de um tribunal, sobre as responsabilidades das figuras presentes no contexto simulado, entre outras análises que o professor de antemão possa sugerir, dificilmente os aprendizes colocarão em prática a sugestão mencionada, uma vez que, em média, os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental têm entre 12 a 14 anos, o que os distancia de assuntos referentes ao mundo jurídico, pois, nesta fase, costumam não se interessar por performances de tribunais de júri.

Outro material que também serve de aporte para os discentes de Língua Portuguesa da rede municipal do Rio de Janeiro denomina-se “Leitura, escrita e análise linguística: alguns pressupostos teórico-metodológicos”. Basicamente, é uma apostila elaborada por professores para professores, que tem como objetivo dialogar sobre o ensino de língua materna. Com o intuito de se aprofundar no estudo da oralidade, já pelo sumário, pode-se perceber o quanto este tema é inferiorizado em relação a outras modalidades comunicativas, de leitura e de escrita. O capítulo um, que se chama “Leitura”, vai da página nove à vinte e quatro; o segundo capítulo, “Escrita”, da página vinte e quatro à trinta e dois; já o terceiro, “Oralidade”, da página trinta e seis à trinta e nove, ou seja, apenas três páginas de aprofundamento teórico-metodológico para a prática oral. Ao relacionar com os outros capítulos e refletindo sobre a vasta gama de atividades que se podem ser exploradas, concluímos que novamente esta prática de comunicação é, por muitas vezes, relegada a um segundo plano. Ideia esta que, curiosamente, é mencionada e combatida logo no início do capítulo “Oralidade”,

“Entre os equívocos que relegam a oralidade a segundo plano no ensino da língua estão a visão da fala como lugar privilegiado para violação das regras da gramática e a crença ingênua de que os usos orais da língua estão tão ligados à vida, que não precisam ser matéria de sala de aula” (RIO DE JANEIRO, 2013a, p.37).

Mesmo com pouca fundamentação sobre como abordar as práticas orais dentro do ambiente escolar, vale ressaltar que é possível verificar no material bons exemplos de atividades que levam em conta o perfil do aluno, a familiaridade que estes têm com os gêneros discursivos propostos. Destoando da proposta apresentada nas Orientações Curriculares de Língua Portuguesa, que já foi aqui mencionada por desconsiderar o interesse e idade dos aprendizes, no material em destaque, há sugestões que primam pela oralidade, tais como: simulação de jornais televisivos e atividades como “Hora de contar”, a fim de resgatar a tradição das narrativas orais, e “Hora da conversa”, momento onde os alunos podem conversar e refletir sobre temas propostos por eles mesmos.

4.2 Questionário

Com o propósito de observar a prática dos professores da disciplina de Língua Portuguesa, em relação ao ensino da modalidade oral, elaboramos um questionário com 4 perguntas. O objetivo maior foi verificar se os docentes ainda mantêm o modelo tradicional, centrado na escrita, ou se já adotam, em seus cotidianos, a proposta mais atual de valorizar tanto a modalidade escrita quanto a oral em sala de aula.

Ao total, seis professores, concursados da SME-RJ, lotados na Escola Municipal Ari Marques Pontes e atuantes no segmento do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, responderam ao questionário, sendo quatro do sexo feminino e dois do masculino. Quanto ao tempo de magistério, todos lecionam a mais de cinco anos: dois atuam entre seis a dez anos, outros dois entre onze a quinze anos, e dois com mais de quinze anos na Rede. Em relação à formação, três são graduados, dois possuem especialização e um, mestrado. Somente um deles não possui outra matrícula, e dois, além de outra matrícula, também atuam na rede privada.

Imagem 1 – Questionário aplicado aos docentes

<p>QUESTIONÁRIO – DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA DA SME-RJ</p> <p>Nome: _____ Idade: _____</p> <p>Cargo público: _____</p> <p>Formação:</p> <p>() Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado</p> <p>Tempo de magistério:</p> <p>() de 0 a 5 anos () de 6 a 10 anos () de 11 a 15 anos () Mais de 15 anos</p> <p>Atuação:</p> <p>() possui outra matrícula pública</p> <p>() atua em instituição privada</p> <p>() possui outra matrícula e atua em instituição pública</p> <p>Professor, este questionário se refere a práticas orais desenvolvidas em sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental.</p> <p>1. Em sua prática pedagógica, você trabalha a modalidade oral?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>2. Quais as atividades voltadas à oralidade você desenvolve em sala de aula?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>3. Você consegue se lembrar de alguma atividade bem sucedida com gêneros orais?</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
--

4. Você confere à oralidade a mesma importância da escrita em suas aulas de Língua Portuguesa?

Ao serem indagados sobre suas práticas pedagógicas, a totalidade afirmou trabalhar com a modalidade oral. Em relação às atividades desenvolvidas em sala de aula que privilegiam a oralidade, de forma unânime citaram a atividade de “*leitura em voz alta*”, como mencionam os informantes 1 e 2 em suas respostas ao item 2: “Quais as atividades voltadas à oralidade você desenvolve em sala de aula?”, do “Questionário”, apresentado em “Anexos”, página 57, do trabalho em tela.

“*Leitura de livros bimestrais e textos*”. (informante 1)

“*Ler em voz alta, conversas informais*”. (informante 2)

“*Leitura e interpretação de textos, correção de exercícios, comparação entre a linguagem oral e a escrita*”. (informante 3)

“*Leitura em voz alta com roda de leitura, dinâmica de perguntas e respostas*”. (informante 4)

Em outras duas respostas, os profissionais citaram além da leitura, o trabalho com a oralidade dentro de propostas específicas, como em sarau, debate e seminário:

“*De modo geral, os alunos são incentivados a lerem em voz alta; além disso, são realizados seminários e apresentações orais.*” (informante 5)

“*Leitura, debate, sarau*”. (informante 6)

Observamos, com tais posições, uma postura tradicionalmente transmitida nas cadeiras escolares: a leitura em voz alta de textos, presentes em materiais didáticos e paradidáticos, já é, em si, considerada uma atividade de ensino da oralidade. Por mais que alguns destes professores tenham citado atividades em contextos determinados ligados às práticas orais, entendemos que não se preocuparam em apontar as características e as especificidades do uso em diferentes contextos, não se preocuparam com o ensino dos diferentes gêneros orais. Supomos, portanto,

que eles entendem, erroneamente, que a fala, como meio comunicativo oral, já é o ensino da modalidade oral da língua.

A pergunta 3 é direcionada para que os profissionais cite atividades bem sucedidas com gêneros orais. O informante 1 aponta uma dramatização, o informante 5 menciona uma apresentação e o informante 6 menciona duas atividades: sarau e debate.

“Sim, trabalhei com a resenha do livro “O cortiço” – os alunos fizeram uma dramatização”. (informante 1)

“Sim. No início do ano, foi feita uma apresentação da campanha contra os mosquitos transmissores de doenças”. (informante 5)

“Sarau de poesias; debate sobre a questão de gêneros e cultura do machismo no dia Internacional das Mulheres”. (informante 6)

O último questionamento é referente ao tipo de tratamento ofertado as duas modalidades, qual seja: “Você confere à oralidade a mesma importância da escrita em suas aulas de Língua Portuguesa?”. Embora todos tenham afirmado que “sim”, pelas respostas anteriores, acreditamos que essa afirmação não esteja reproduzindo a realidade, já que a oralidade não é trabalhada de forma planejada, não se privilegia o estudo dos gêneros orais formais, muito menos seus aspectos característicos. Lembremos que tais posições vão contra o que os PCN preconizam:

Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas (exposição, relatório de experiência, entrevista, debate etc.) e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (debate, teatro, palestra, entrevista etc.). (BRASIL, 1998, p. 67, 68)

Destarte, pelas respostas do grupo selecionado, averiguamos que a oralidade ainda continua sendo desenvolvida como meio comunicativo e de apoio à escrita ou, então, como elemento comparativo de variações linguísticas que abrangem apenas a dicotomia “certo” ou “errado”, relacionando oralidade à informalidade e a escrita à formalidade.

4.3 Proposta de intervenção didática

Considerando a necessidade de equiparar o ensino das duas modalidades comunicativas da língua portuguesa – oralidade e escrita -, optamos por uma atividade que estivesse ligada às práticas orais formais e que despertasse o uso reflexivo e consciente dos discentes. No que tange à disciplina de língua portuguesa, defendemos a seguinte posição: “é necessário dedicar ao ensino da oralidade o mesmo tratamento que é dado ao da escrita” (CRESCITELLI, REIS, 2014, p.).

Por se tratar de adolescentes, tivemos que planejar uma atividade que contribuísse para o desenvolvimento social e comunicativo dos mesmos. A escolha, portanto, foi pensada em atingir aqueles que estão terminando o ciclo do Ensino Fundamental, os quais estão experimentando várias mudanças comportamentais, sexuais, cognitivas e socioculturais. Já que esta fase de vida é quando o sujeito está construindo e/ou reconstruindo sua identidade, deixando de lado a infância e iniciando as experiências da vida adulta, faz-se necessário que eles tenham acesso a práticas comunicativas que os ofereçam maior autonomia e que despertem neles a consciência do seu novo papel perante à sociedade. Como salientam os PCN,

...a formação do adolescente implica maior autonomia nas tomadas de decisão e no desempenho de suas atividades. Implica, ainda – a partir da nova percepção da realidade, dos direitos e deveres sociais e da responsabilidade crescente por seus atos -, a constituição ou reformulação de valores e novos desdobramentos para o exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 46)

Devido à idade dos envolvidos na pesquisa, optamos por trabalhar com o gênero oral formal *entrevista de emprego*, já que, em um futuro próximo, muitos deles passarão por esta situação comunicativa, sem saber adequar a fala à formalidade exigida em uma seleção. Novamente, ajustamos a nossa proposta às sugestões dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que, ao focar o trabalho com a linguagem ao público juvenil, despertam, também, no leitor as condições de vida destes jovens:

Para significativa parcela da sociedade brasileira, já na adolescência impõe-se a necessidade de trabalhar, seja para assumir objetivamente compromissos e responsabilidades do mundo adulto, seja para experimentar a possibilidade de dispor de bens de consumo para os quais há grande apelo social, por meio da mídia e da divulgação do *modus vivendi* da classe média. (BRASIL, 2008, p. 46)

Outro ponto levado em consideração para a elaboração desta intervenção foi o fato de os alunos terem idade para participar do projeto do governo federal chamado “Jovem Aprendiz”. Este programa é baseado na “Lei de Aprendizagem” (lei N°10.097/2000, ampliada pelo Decreto Federal N° 5.598/2005)¹, o qual determina que as empresas de médio e grande porte reservem de cinco a quinze por cento de suas vagas aos jovens entre 14 a 24 anos, que estejam estudando ou que já tenham concluído a Educação Básica e que necessitam de formação profissional. Trata-se de um curso de aprendizagem, em que o adolescente recebe ensinamentos tanto teóricos quanto práticos, que se ajusta ao horário escolar - não podendo a jornada de trabalho ultrapassar as seis horas diárias para aqueles que ainda estão estudando, caso do nosso público alvo. Trata-se de uma excelente oportunidade, pois, além de todas as adequações à escola, este projeto visa diminuir a dificuldade de conseguir o primeiro emprego.

Acreditamos que o professor deve estar atento ao seu público; para tanto, deve adaptar os conteúdos previstos para o ano letivo às necessidades e interesses do alunado. De acordo com os PCN, “...pode-se dizer que a boa situação de aprendizagem é aquela que apresenta conteúdos novos ou possibilidades de aprofundamento de conteúdos já tematizados, estando ancorada em conteúdos já constituídos”. (BRASIL, 1998, p. 48)

Assim, como o gênero entrevista está inserido nos Cadernos Pedagógicos da disciplina de Língua Portuguesa (anexo 8) , material entregue bimestralmente, desde o início do segundo ciclo do Ensino Fundamental na rede municipal do Rio de Janeiro, partimos do pressuposto de que trabalhá-lo apenas de forma superficial, como é proposto no referido material, não acrescentaria muito ao desenvolvimento da aprendizagem e tão pouco despertaria novas reflexões acerca dos diferentes usos das práticas orais dos alunos do 9º ano. No entanto, utilizá-lo como conhecimento propulsor que remete a novas práticas comunicativas, favorece a compreensão dos jovens à necessidade de adequar suas falas ao ambiente, aos interlocutores e à própria intenção comunicativa.

Evidentemente, para um jovem que vai disputar pela primeira vez um emprego, há implicações de toda ordem, inclusive de natureza linguística. E não se trata de um caso isolado. Preparar o aluno para isso é ensino contemporâneo, atualizado e comprometido com a realidade. A contratação de uma pessoa, na maioria dos casos, depende apenas e tão somente da entrevista, razão pela qual entendemos que é

¹ http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/Leis/L10097.htm

imprescindível prepará-lo para que tenha autonomia e competência comunicativa nessa prática social. (CRESCITELLI, REIS, 2014, p. 34)

Uma vez selecionada a turma e a proposta de intervenção, chegou-se ao projeto “*Práticas Oraís: simulando uma Entrevista de Emprego*”, que consiste em criar um vídeo simulando uma entrevista de emprego. Com o objetivo de alertar à adequação vocabular e comportamental necessários para uma boa impressão que o candidato quer transmitir para o entrevistador, o vídeo apresenta duas partes, uma que mostra a forma como não se deve agir e a outra que apresenta uma maneira de falar e de se portar mais apropriada à seleção de um cargo.

Além dos alunos da turma 1906 serem contemplados com o estudo deste gênero textual oral formal, com a criação, a percepção e a conscientização da necessidade de adequar a fala às exigências sociais das diversas práticas comunicativas que a sociedade impõe, foi pensado em um material que pudesse atingir mais jovens e que servisse como ponto de partida para que outros professores de Língua Portuguesa trouxessem efetivamente o estudo da oralidade para suas aulas. Desse modo, pretende-se que o vídeo se transforme em parte do acervo da videoteca da Sala de Leitura da escola.

A preparação do material ocorreu da seguinte forma: primeiramente, com o auxílio da *internet*, houve a seleção de materiais escritos e vídeos que explicassem como se portar em uma entrevista de emprego. Com o auxílio das páginas “*vagas.com.br*”² e “*vagasjovensaprendiz.com.br*”³, criou-se um texto com dicas de como agir em uma seleção, com o título “*5 dicas para evitar erros na entrevista de emprego*” (anexo 1). Outro texto utilizado foi “*Prepare-se para as entrevistas de emprego: 10 perguntas frequentes nas seleções para Jovem Aprendiz*” (anexo 2), conteúdo retirado da página “*escolasdigitalmax*”⁴ e por nós adaptado. Para ilustrar a prática comunicativa em análise, foram selecionados dois vídeos que explicassem como agir neste tipo de seleção, retirados do *site* de compartilhamento de vídeos

² <http://www.vagas.com.br/profissoes/dicas/13-dicas-mandar-entrevista-de-emprego/>

³ <http://www.vagasjovemaprendiz.com.br/trabalho/erros-entrevista-emprego>

⁴ <http://escolasdigitalmax.com.br/blog/10-perguntas-mais-comuns-nas-entrevistas-de-emprego-e-estagio-prepare-se-para-a-selecao-do-jovem-aprendiz/>

“youtube”. Um denomina-se “Como se sair bem em entrevistas de emprego”⁵, o outro “Sou Menor Aprendiz. O que fazer em uma entrevista de emprego”⁶.

Após a seleção deste material específico, montamos uma proposta de atividade que se enquadrasse na nossa linha de pesquisa e que fosse capaz de tornar o aluno agente criador de sua prática comunicativa de forma consciente e crítica. Para tal, elaboramos uma sequência didática, que partisse da apresentação do projeto e da necessidade de se trabalhar a oralidade como conteúdo em sala de aula. Posteriormente à apresentação dos textos e dos vídeos, os alunos passaram a ser os responsáveis pela produção do projeto, elaborando as suas falas, as encenações e a gravação do vídeo. À pesquisadora coube intervir nesta produção de modo a auxiliá-los nas seleções e adequações dos textos.

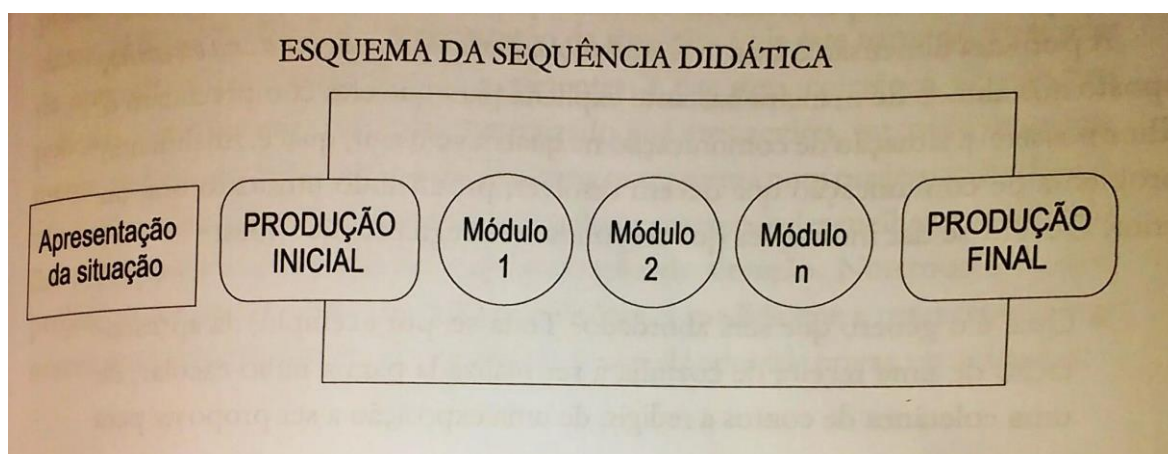
⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=XMAVuz0uD-Y>

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=6rHdc5B92CU>

5. APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p.82) “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito”, seu objetivo é auxiliar o aluno a dominar melhor um gênero de texto para que, em uma dada situação comunicativa, consiga se expressar mais adequadamente, tanto na fala quanto na escrita. A proposta deve ser direcionada aos gêneros desconhecidos do aluno ou àqueles que ele tem baixo grau de conhecimento, distantes de suas práticas cotidianas. Assim sendo, “as sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis” (DOLZ, SCHNEUWLY, 2004, p.83).

Notemos a estrutura de base de uma sequência didática proposta pelo autor:



(DOLZ, SCHNEUWLY, 2004, p.83)

A *apresentação da situação* é a exposição da tarefa oral ou escrita. Nesta etapa, os alunos constroem uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem que deverão produzir. A *produção inicial* é uma etapa diagnóstica, onde o professor avalia as capacidades dos alunos e ajusta as atividades propostas ao nível de conhecimento da turma. Nos *módulos* trabalham-se os problemas diagnosticados na primeira produção de maneira sistematizada e aprofundada e ofertam instrumentos necessários para que os estudantes consigam superá-los. A *produção final* é a possibilidade de o aluno colocar em prática os

conhecimentos adquiridos. Para o professor, essa é a etapa na qual se pode analisar os progressos da turma, pode ser realizada, também, uma avaliação somativa, embasada nos aspectos trabalhados ao longo da sequência.

Baseados nesse esquema, elaboramos uma sequência didática que propiciasse ao aluno o domínio da língua nas diferentes situações do cotidiano, que, na proposta atual, refere-se a uma entrevista de emprego. Para tanto, observando as etapas propostas, chegamos ao seguinte planejamento:

Quadro 4 – Sequência didática para o projeto “Práticas orais: simulando uma entrevista de emprego”

SEQUÊNCIA DIDÁTICA	OBJETIVOS	ATIVIDADES	MATERIAL	DURAÇÃO
<p>APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO</p> <p>Apresentação do Projeto diagnóstico da turma</p>	<p>-Fomentar conversas sobre o estudo da modalidade oral.</p> <p>-Apontar exemplos de situações comunicativas ligadas à oralidade formal e informal.</p> <p>-Apresentar o projeto, explicar as etapas e o trabalho final.</p>	<p>-Debate sobre o que os alunos sabem sobre as práticas orais.</p> <p>-Conversa sobre a importância de se dominar os níveis da fala, adequando-os a situações específicas.</p> <p>-Indagação sobre o conhecimento prévio dos discentes em relação ao gênero entrevista de emprego.</p> <p>-Explicação sobre como ocorre uma Entrevista de Emprego e a importância de saber como se</p>	<p>-Exposição oral do tema</p>	<p>1 dia (2 tempos de aula)</p>

		comunicar neste contexto formal oral específico.		
<p>PRODUÇÃO INICIAL</p> <p>OFICINA 1</p> <p>Conhecimento do gênero Entrevista de Emprego</p>	<p>-Simular uma entrevista de emprego</p> <p>-Apresentar as características de uma entrevista de emprego.</p>	<p>-Simulação de uma entrevista de emprego a fim de avaliar as dificuldades apresentadas pelos alunos</p> <p>-Identificação dos elementos linguísticos e paralinguísticos (gestos, entoação, postura etc) em torno do gênero Entrevista de Emprego.</p> <p>-Comparações entre respostas adequadas e equivocadas na entrevista</p>	<p>-Material impresso.</p> <p>-Data-show</p> <p>-Recursos audiovisuais</p> <p>-Celular</p> <p>-Computador</p>	<p>2 dias (5 tempos de aula).</p>
<p>OFICINA 2</p> <p>Produção do texto Entrevista de Emprego</p>	<p>-Produzir textos escritos e orais.</p>	<p>-Em conjunto, elaborar perguntas a serem feitas pelo entrevistador.</p> <p>-De forma individual, produzir as respostas para o cargo pretendido.</p> <p>-Construir, de forma coletiva, respostas inadequadas à entrevista</p>	<p>-Material impresso</p> <p>-Data-show</p> <p>-Folhas de ofício</p> <p>-Computador</p> <p>- Impressora</p>	<p>3 dias (6 tempos de aula)</p>

		-Montar material comparativo entre as situações consideradas favoráveis e não favoráveis quanto à entrevista de emprego.		
OFICINA 3 Seleção e elaboração de um roteiro para a encenação	-Selecionar as melhores respostas. -Redigir um texto base de referência para a simulação da entrevista de emprego em que o candidato tenha um bom desempenho e um mal desempenho	-Em grupos, discutir e avaliar quais as respostas que se enquadram melhor nas situações simuladas. -Confecção de um roteiro para os alunos encenarem a entrevista de emprego -Escolha das personagens	-Folhas de ofício -Xerox	- 1 aula (2 tempos)
PRODUÇÃO FINAL Preparação e gravação do vídeo	-Gravar a entrevista de emprego	- Ensaios -Gravação do vídeo -Apresentação do trabalho final para a comunidade escolar	-Folhas de ofício -Xerox -Celular	4 aulas (6 tempos)

A aplicação da sequência didática teve início com a apresentação da pesquisadora e de seu projeto “Práticas orais: simulando uma entrevista de emprego”. A turma mostrou-se bem acolhedora desde o primeiro momento. O reconhecimento do grupo ocorreu de forma gradativa

e espontânea. Com questionamentos iniciais, buscamos averiguar qual a base de conhecimento dos discentes sobre os gêneros orais formais. Em sua grande maioria, o grupo conseguiu identificar os gêneros mais próximos às suas vivências: como seminários, sermões, palestras, entrevistas e noticiários de tevê e de rádio. Todavia, ao indagar se estariam aptos a serem agentes de alguma situação comunicativa dos citados gêneros, eles afirmaram não dominar as características destas práticas sociais e, portanto, incapazes de produzi-las.

Diante deste fato, de acordo com uma visão sociointeracionista e seguindo os preceitos apresentados pelos materiais de apoio da SME-RJ e dos PCN, apresentamos a relevância do ensino da língua em sua modalidade oral em sala de aula, privilegiando as suas manifestações mais formais, já que

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p.67,68)

Em seguida, após uma conversa sobre a importância de se dominar os níveis da fala, adequando-a às situações específicas, direcionamos a conversa para o gênero entrevista. Em sua totalidade, a turma declarou conhecer o gênero, já que está presente no material de apoio Caderno Pedagógico. Todavia, constatamos que o conhecimento é referente apenas a forma básica entrevistador/entrevistado. Quando indagamos sobre exemplos de “tipos” de entrevista, os alunos citaram: entrevista em jornal/revista, entrevista na tevê e entrevista em rádio. Após, explicamos que há muitos outros gêneros de entrevista e citamos a entrevista de emprego. Apresentamos as formalidades, os aspectos linguísticos e paralinguísticos que envolvem tal contexto. Falamos sobre as dificuldades de se entrar no mercado de trabalho e as suas exigências, apontamos a entrevista de emprego como uma das etapas primordiais nessas seleções, bem como a necessidade de treinamento e aperfeiçoamento desta modalidade oral para uma boa avaliação em uma seleção formal de emprego.

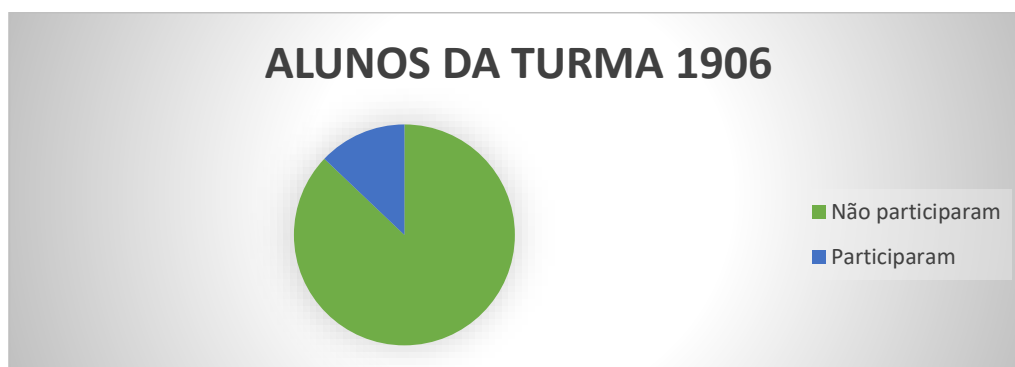
Em uma primeira diagnose sobre a participação desses jovens no mercado de trabalho, foi verificado que, dentre os 31 alunos presentes em sala, 9 alegaram já trabalhar, sendo que apenas 1 tinha um trabalho formal como Jovem Aprendiz. Situação representada pelo gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Quantidade de alunos que trabalham



Outro questionamento também fora feito. Averiguamos a quantidade de alunos que já tinham passado por alguma entrevista de emprego. No total de 31 alunos, apenas 4 estiveram em posição de entrevistado neste tipo de seleção, conforme se pode observar abaixo.

Gráfico 2 – Quantidade de alunos que participaram de Entrevista de Emprego



No grupo que já tinha vivido a experiência de uma entrevista de emprego, somente um aluno foi selecionado. Ao contar sua experiência, este expôs que havia ficado muito nervoso, mas que conseguiu responder bem porque a entrevista ocorreu no segundo dia da seleção e, desse modo, já estava mais familiarizado com o ambiente de trabalho. Disse não se lembrar das perguntas, mas que perguntaram sobre o seu rendimento escolar e se sabia mexer nos programas computacionais “word” e “excel”.

Em seguida, apresentamos o projeto “*Práticas Oraís: simulando uma Entrevista de Emprego*”. A turma mostrou-se muito interessada. Alguns se interessaram também sobre o projeto Jovem Aprendiz e afirmaram, ao fim da aula, que gostariam de ir em busca de mais informações.

No segundo encontro, selecionamos aleatoriamente quatro alunos para participar de uma simulação de entrevista de emprego. Criamos um emprego fictício, de auxiliar administrativo em uma rede de supermercados. Este momento, dentro da sequência didática é chamado por Dolz e Schneuwly (2004, 86) de “*produção inicial*”, nela os alunos tentam criar textos escritos ou orais e, com isso, demonstram para si mesmos e para os professores quais as representações que possuem da atividade. Portanto, esta etapa tem como função central ser reguladora da sequência didática. Trata-se de um primeiro encontro com o gênero proposto. Quanto à importância da proposta de produção dentro da sequência, os autores posicionam-se:

Por meio da produção, o objeto da sequência didática delinea-se melhor nas suas dimensões comunicativas e também se manifesta como lugar de aprendizagem necessária das dimensões problemáticas. Assim, a sequência começa pela definição do que é preciso trabalhar a fim de desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos que, apropriando-se dos instrumentos de linguagem próprios ao gênero, estarão mais preparados para realizar a produção final. (DOLZ, SCHNEUWLY, 2004, p.86, 87).

Com a sugestão da atividade, o grupo selecionado se mostrou apreensivo e nervoso. Fomos para a Sala de Leitura a fim de que houvesse o registro por meio de gravação de voz. A entrevistadora, no caso a pesquisadora, ficou sozinha na sala e os entrevistados, os alunos, no corredor. Foi solicitado que um a um entrasse para a entrevista. Curioso foi a forma como se portaram, encararam realmente como se fosse uma seleção por meio de entrevista: houve uma preocupação e seleção vocabular dos participantes, mas com falas apreensivas. A eles foram feitas as seguintes perguntas:

1. Quais são seus objetivos pessoais ao ter optado em participar desta entrevista de emprego?
2. Quais são seus pontos fortes?
3. Quais são seus pontos fracos?
4. Conte-me sobre sua formação acadêmica.
5. Você acha que o emprego poderá te beneficiar ou te prejudicar quanto ao seu desempenho escolar?

As entrevistas foram rápidas, em média duraram três minutos. O aluno 2, diante da primeira pergunta, ficou nove segundos em silêncio, sem saber o que responder. O entrevistador quebrou o silêncio repetindo novamente o questionamento. Com um tom de incerteza respondeu: “Pra mim trabalhar em algo ou ganhar dinheiro”. O mesmo aluno também

apresentou muita dificuldade para responder a terceira pergunta: “*É...ponto forte...saber conversar, falar, assim, com as pessoas. Acho que só... Isso... (‘risos de nervosismo’)*”.

O aluno 3 mostrou-se mais confiante em suas falas, porém, titubeou em alguns momentos, como se observa na transcrição da primeira resposta: “*Os meus objetivos...(pausa reflexiva)... os meus objetivos... é... ai, meu Deus... Os meus objetivos, na verdade, é... conseguir uma boa estabilidade de vida. Como eu estou no começo disso, terão, lógico,...outras oportunidades. Mas isso é uma delas, é o que quero para mim. Ahhh... o meu objetivo no trabalho é poder ajudar os meus pais em casa, porque eu quero fazer cursos e isso ajuda um pouco com o dinheiro que vou ganhar*”.

O aluno 4 mostrou-se bem nervoso. Não conseguiu responder a primeira pergunta. Em relação à quinta pergunta, por exemplo, também teve dificuldade em compreendê-la e respondeu afirmando que o trabalho poderia prejudicá-lo nos estudos: “*Me ajudar... porque não sei... Ah,me ajudar, ajudar minha família, meus pais.*” Neste momento a entrevistadora interrompeu a fala, pedindo que focasse a resposta no desempenho escolar. E seguiu a entrevista: “*... agora no nono ano pode prejudicar... porque...tá muito puxado*”.

O aluno 5 também ficou teve dificuldade em compreender e responder alguns itens. A entrevistadora teve que perguntar duas vezes o segundo tópico, a fim de auxiliar o entendimento. E a resposta foi: “*Em estudo? Em inteligência? Tipo eu gosto de matemática e também sei um pouco de português e umas coisas a mais.*” A entrevistadora refez a pergunta enfatizando “*Quero saber das características pessoais*”. A fala passa novamente para o entrevistado: “*É... personalidade*”.

Ao retornarmos para a sala de aula, os entrevistados relataram para o restante do grupo como tinha sido a simulação, contaram sobre as dificuldades que sentiram, explicaram quais tinham sido as perguntas e como foram suas respectivas respostas. A posteriori, as gravações foram escutadas pela turma.

Após ouvirmos as entrevistas, falamos sobre o gênero em questão e apontamos suas características e peculiaridades, iniciando a oficina 1. Com o material impresso, primeiro lemos o texto 1 (anexo 8) “5 dicas para evitar erros na entrevista de emprego”. Discutimos as dicas, principalmente a número quatro – “Simule”, quanto aos aspectos linguísticos e paralinguísticos que envolvem esta prática comunicativa.

No encontro seguinte, iniciamos com o material 2 (anexo 9) e seguimos com a apresentação de dois vídeos: “Como se sair bem em entrevistas de emprego”⁷ e “Sou Menor Aprendiz. O que fazer em uma entrevista de emprego”⁸. Foram bastante esclarecedores, pois percebemos que tais exposições foram essenciais para a concretização de significado e de entendimento dos alunos, que passaram a refletir e criticar tanto os aspectos ligados à fala quanto aos aspectos comportamentais e de vestuário.

A oficina 2, que ao total foi composta de 3 encontros, engloba as produções textuais. Inicialmente, em conjunto, os alunos selecionaram e construíram um guia de perguntas para serem utilizadas em uma seleção para uma vaga dentro do projeto Jovem Aprendiz, ou seja, direcionada a adolescentes, como eles. Essa elaboração foi demorada e reescrita várias vezes, porém a participação do grupo foi um sucesso. Selecionaram seis perguntas e as organizaram de forma gradativa (anexo 10).

No segundo encontro da oficina 2, propomos a confecção individual das respostas adequadas para as perguntas elaboradas anteriormente. Algumas delas encontram-se em anexo (11 ao 14). Feita, passamos para a segunda atividade: a elaboração em conjunto das respostas consideradas inapropriadas. Os alunos se divertiram muito e fizeram um ótimo trabalho em equipe. Dando continuidade, fizemos comparações entre as duas opções de respostas, de modo a verificar como a representação da fala é importante dentro da sociedade moderna. De forma reflexiva, os alunos observaram várias nuances que diferenciaram as situações: formalidade/informalidade, impessoalidade/pessoalidade no discurso, tom de voz. Alguns até “encenaram” as produções feitas.

A proposta da oficina 3 consistiu na preparação dos textos para serem utilizados na simulação de uma entrevista de emprego. Nossa proposta era criar dois contextos opostos, em um deles o entrevistador teria um bom desempenho na entrevista, e, no outro, o entrevistador teria um péssimo desempenho. As perguntas, que já tinham sido elaboradas, foram colocadas no quadro e os alunos foram expondo suas respostas. Após, em grupos, eles selecionaram as melhores produções e, em seguida, pela votação do grupo, chegamos às respostas mais

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=XMAVuz0uD-Y>

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=6rHdc5B92CU>

adequadas para a situação hipotética. Em seguida, fizemos um roteiro com as respostas selecionadas e, novamente, algumas alterações foram realizadas.

Para a participação da filmagem, quatro alunos foram selecionados. Com a criação das personagens, os ensaios foram realizados em dois dias com a presença da professora pesquisadora e, em um outro, os alunos ensaiaram sozinhos em um tempo de aula vago. No dia agendado, a gravação foi realizada pela professora em seu aparelho de celular. A edição foi feita por um aluno da turma. No encontro seguinte, depois de assistida a gravação, foi elaborado um texto com sugestões para serem inseridas no vídeo.

Como culminância do “Projeto Práticas Oraís: simulando uma entrevista de emprego”, foi reproduzido o vídeo, por meio de um projetor, para um público composto de alunos e equipe escolar. Ao final, apresentamos a Unidade Escolar, representada pela diretora Denise Carilho, com uma cópia do vídeo. O material fará parte do acervo da videoteca do Sala de Leitura, para que outros alunos também se aproveitem do projeto. Ademais, com o objetivo de auxiliar mais jovens, o vídeo também se encontra disponível no *site* de compartilhamento “Youtube”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lCi8yMXiask&t=12s>.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou refletir sobre o ensino da modalidade comunicativa oral nas aulas de Língua Portuguesa no ensino Fundamental. Para tanto, a partir do gênero oral formal *entrevista de emprego*, foi realizada uma sequência didática visando um público de adolescentes, estudantes do nono ano de uma escola pública do município do Rio de Janeiro, localizada no bairro de Guaratiba, zona oeste da cidade, denominada Escola Municipal Professor Ari Marques Pontes.

Percebemos que, embora as práticas orais sejam contempladas nos compedios educacionais mais recentes como elemento fundamental para uma adequada compreensão da língua, seu estudo ainda é renegado por grande parte dos profissionais. Observamos que esta realidade ainda permanece por conta de três aspectos: mecanização do ensino pautado na escrita; poucos materiais didáticos que, realmente, trabalhem a oralidade como modalidade comunicativa e como conteúdo a ser progressivamente desenvolvido e avaliado; e o desconhecimento dos conceitos mais atuais no campo da linguística, que permite um ensino mais ligado aos aspectos dialógicos e interacionais da língua, respeitando o seu valor social em infindáveis contextos.

Não se trata de “ensinar” a língua materna, que o aluno já fala ao entrar na escola; nem se pode, aliás, ensinar uma língua. O que cabe é ir aumentando a capacidade comunicativa dos alunos, trabalhar muito com a língua, melhorando sempre mais e tornando mais produtivo o manejo desse instrumento. (LUFT, 1997, p.30)

Em busca de uma olhar mais didático e pedagógico em torno do tema oralidade, buscamos, com nosso trabalho, primeiramente, voltar a atenção dos profissionais da área para a necessidade de repensar suas práticas, a fim de observarem qual o valor que a fala assume em suas aulas. Ademais, com o objetivo de contribuir com o “fazer diário”, trouxemos à tona reflexões sobre como o ensino dos gêneros orais pode ser desenvolvido em sala de aula e sobre a necessidade da construção reflexiva e da compreensão do domínio linguístico dos alunos. Para isso, através de uma proposta de intervenção, elaboramos um projeto em torno do gênero entrevista de emprego.

Pretendemos, portanto, criar estratégias que permitam que o estudante conheça, reconheça, use e explore as inúmeras condições comunicativas que envolvem a fala e a escrita. Buscamos um ensino que promova a formação de um jovem que seja usuário consciente da língua e esteja capacitado a utilizá-la em instâncias públicas dos mais variados níveis de formalidade.

Não há como negar que esta mudança seja trabalhosa, já que durante muitas décadas, e até hoje, os professores têm uma péssima tradição de valorizar apenas o ensino da escrita. Quando trabalham os aspectos orais, é de maneira rasa, sem considerar suas especificidades e/ou características comunicativas. Defendemos que há uma necessidade de aperfeiçoamento desses docentes, que pode ser por meio de formações continuadas, cursos e/ou especializações, para que consigam aplicar em suas aulas o ensino de uma língua viva, que possui duas modalidades comunicativas, a oral e a escrita, que merecem ser exploradas.

Sugerimos, inclusive, que os suportes teóricos e pedagógicos ofertados aos docentes sejam revistos, revisados e reestruturados. Observamos que, em alguns casos, os mesmos materiais que defendem o desenvolvimento da oralidade em sala de aula apresentam como sugestões práticas orais superficiais, estanques e, por vezes, distantes da realidade e interesse do aluno. Outro ponto observado é que tais materiais possuem pouca fundamentação teórica a respeito da modalidade oral, salientando, assim, a dificuldade de alguns profissionais em trabalhá-la.

Para a construção de ensino, vislumbrando a língua não em seu aspecto meramente conceitual e sim sobre os valores correspondentes ao seu uso efetivo, defendemos o trabalho a partir dos gêneros textuais, uma vez que “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações particulares”(Marcuschi, 2010, p. 31). Entendemos que os gêneros são práticas comunicativas que se manifestam em diferentes situações de comunicação. Assim, utilizá-los como elemento pedagógicos é validar o conceito de língua como prática social. Os textos orais e escritos, ao serem produzidos, possuem algumas características que, observando sua intencionalidade, as situações em que se encontram, os participantes e o assunto, enquadram-se a determinados gêneros textuais.

Para tratar de oralidade em sala de aula, os conhecimentos em torno do conceito de língua falada e de língua escrita não são suficientes; é preciso que o professor disponha de subsídios em relação as especificidades dos textos que circulam na

sociedade em domínios discursivos determinados, como o jornalístico, o acadêmico, o religioso, o jurídico, etc., para que reconheça como se instaura seu processo de produção e de qual (ou quais) unidade(s) de análise se pode fazer uso para um uso efetivo. (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 2014, p.24, 25)

Como aqui encaminhamos a pesquisa para os aspectos ligados à oralidade, aprofundamos o nosso estudo nos gêneros orais formais, pois acreditamos ser responsabilidade da escola, além de outras, apresentar aos alunos situações comunicativas que exijam um grau de formalidade diferente daqueles que eles têm acesso em seus cotidianos. Objetiva-se, com isso, a formação de cidadãos que sejam capazes de circular em todas as esferas sociais e que possam, através de seus textos, ser ouvidos e compreendidos em quaisquer contextos.

No caso do ensino de Língua Portuguesa, considerar a condição afetiva, cognitiva e social do adolescente implica colocar a possibilidade de um fazer reflexivo, em que não apenas se opera concretamente com a linguagem, mas também se busca construir um saber sobre a língua e a linguagem e sobre os modos como as opiniões, valores e saberes são veiculados nos discursos orais e escritos. Tal possibilidade ganha particular importância na medida em que o acesso a textos escritos mais complexos, com padrões linguísticos mais distanciados daqueles da oralidade e com sistemas de referência mais distantes do senso comum e das atividades da vida diária, impõe a necessidade de percepção da diversidade do fenômeno linguístico e dos valores constituídos em torno das formas de expressão.” (BRASIL, 1998, p. 47)

Diante deste cenário, a opção de um trabalho pensado e planejado para os discentes concluintes do ensino fundamental considerou um gênero textual muito distante de suas práticas sociais diárias: a entrevista de emprego. Percebemos que os alunos são muito carentes quanto ao acesso de determinados conhecimentos mais técnicos, cabendo ao professor ser, muitas vezes, responsável em “abrir a porta para um mundo novo”. Mesmo diante de tantas dificuldades que giram em torno dos profissionais de educação, estes não podem se esquecer do valor social que sua carreira representa.

Preparar os discentes para o mercado de trabalho, fazê-los entender a necessidade de aprimorar suas competências linguísticas, de forma que consigam convencer o outro desconhecido a escolhê-los para exercer determinado cargo, é tarefa árdua. Requer, além de conscientização, um planejamento prévio que envolve, principalmente, a fala, mas, também, outros aspectos paralinguísticos (comportamento, tom de voz, vestuário, etc).

O desenvolvimento do projeto nos fez entender que pouco preparamos esses alunos para o “mundo real”. Não foi um trabalho fácil. No entanto, foi extremamente gratificante. Alguns

desafios nos colocaram à prova, como: falta de material, dificuldade em utilizar os recursos tecnológicos no ambiente escolar, a assiduidade dos alunos. Todavia, o envolvimento e a participação deles, a dedicação com que conduziram as atividades propostas, e o resultado final: a gravação do vídeo com a simulação de uma entrevista de emprego – realizado em sua totalidade por eles – permitiram compreender que o trabalho com o gênero oral formal é fundamental para o desenvolvimento e para a formação desses estudantes.

Assim, lutamos, em primeira instância, por um ensino de língua portuguesa voltado ao seu valor social, e não puramente conceitual/ teórico. Através dos gêneros textuais, podemos trabalhar a língua em situações diversas de uso e em variados aspectos. Assim sendo, a linguística textual e, mais especificamente, a concepção sociointeracionista tornam-se um fundamental suporte teórico para os professores da língua materna.

Em observância ao seus múltiplos aspectos, apontamos que as aulas da nossa língua materna devem ter como objetivo central a aprendizagem das duas modalidades de comunicação: a fala e a escrita. Por mais que a nossa pesquisa esteja voltada a um gênero oral formal, vale ressaltar que defendemos aqui não a primazia de uma ou de outra, apontamos a necessidade de que ambas sejam estudadas de forma equivalente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, C. A. A. de, MENDONÇA, M. C. C. & DELPHINO, R. M. Pouca ênfase no desenvolvimento da competência oral dos alunos. In: BORTONI-RICARDO, S. M. & MACHADO, V. R. (orgs.). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, p. 165-177, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa – ensino de primeira à quarta série*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental - MEC/SEF, 1997.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - Língua Portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental -MEC/SEF, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Disponível em:

http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33452662/BAKHTIN_Mikhail_Estetica_da_Criacao_Verbal_Sao_Paulo_Martins_Fontes_2003..pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1473189829&Signature=pslWSCv29hXIwREdsGiKO8Ixhj0%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DESTETICA_DA_CRIACAO_VERBAL.pdf Acesso em: 05/07/2015

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16ª ed. São Paulo. HUCITEC Editora, 2009.

CAVALCANTE, M.C.B.; MELO C.T.V. Gêneros orais na escola. In: SANTOS, C.F.; MENDONÇA M.; CAVALCANTE M.C.B. *Diversidade Textual: os gêneros na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica; 2007. p.89-102.

CRESCITELLI, Mercedes C.; REIS, Amália Salazar. O ingresso do texto oral em sala de aula. In: ELIAS, Vania Maria (org.) *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. 1 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014. p. 29 – 39

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad e org.: R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FÁVERO, Leonor L.; ANDRADE, Maria Lúcia; AQUINO, Zilda. Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa. In: ELIAS, Vania Maria (org.) *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. 1 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014. p. 13-28

FIGUEIREDO-GOMES, João Bosco; DE SOUZA, Arisberto Gomes. *Uma reflexão didática acerca da distribuição de gêneros textuais para o ensino fundamental*. Linha D'Água, v. 28, n. 2, p. 44-66, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/linhadagua/article/view/99757/110228> , em 14/01/2017

GOMES, Maria Lúcia de Castro. *Metodologia do ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2009.

HOFFNAGEL, Judith C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 195 – 208

KATO, M. A. *No mundo da escrita: Perspectivas psicolinguísticas*. São Paulo: Ática, 1986.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 149 – 157

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3ed., 10ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade In: DIONISIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*, v. 2. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2010. p. 19 – p. 38

_____. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. (s.d.). Disponível em: http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portugues/anexos/texto-15.pdf. Acesso em: 07/01/2017.

MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Orgs.). *Fala e escrita*. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MUCHIELLI, Roger. *A entrevista Não-diretiva*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p.79-83

NEVES, Rita de Araújo; DAMIANI, Magda Floriana. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. In: UNIrevista, vol. 1, nº2. Abril, 2006 . Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3453/Vygotsky%20e%20as%20teorias%20da%20aprendizagem.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13/08/2016

OSIAS, Juliane P. A. *Os gêneros orais como objeto de ensino*. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2010/agosto/generos_orais_ensino.pdf. Acesso em: 04/09/2016

RIO DE JANEIRO. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – Secretaria Municipal de Educação. *Leitura, escrita e análise linguística: alguns pressupostos teórico-metodológicos*.

2013a. Disponível em:

<https://onedrive.live.com/view.aspx?resid=9A0409FEB089278!262&cid=09a0409feb089278&app=WordPdf>. Acesso em: 29/09/2015.

_____. *Orientações Curriculares. 3º ao 9º ano*. 2013b. Disponível em:

http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4246635/4104936/LP_Orientacoes_2013.pdf. Acesso em: 29/09/2015.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: *Educação e pesquisa*, v.31,n.3. São Paulo: 2005. p. 443-466

URBANO, Hudinilson et al 1996. Perguntas e respostas na conversação. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. V. 3: As Abordagens Campinas: Unicamp/FAPESP, p. 75–98.

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário

QUESTIONÁRIO – DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA DA SME-RJ

Nome: _____ Idade: _____

Cargo público: _____

Formação:

Graduação Especialização Mestrado Doutorado

Tempo de magistério:

de 0 a 5 anos de 6 a 10 anos de 11 a 15 anos Mais de 15 anos

Atuação:

possui outra matrícula pública

atua em instituição privada

possui outra matrícula e atua em instituição pública

Professor, este questionário se refere a práticas orais desenvolvidas em sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental.

5. Em sua prática pedagógica, você trabalha a modalidade oral?

6. Quais as atividades voltadas à oralidade você desenvolve em sala de aula?

7. Você consegue se lembrar de alguma atividade bem sucedida com gêneros orais?

8. Você confere à oralidade a mesma importância da escrita em suas aulas de Língua Portuguesa?

ANEXO 2 – Questionário – informante 1

Cargo público: PROFESSOR I LÍNGUA PORTUGUESA

Formação:

Graduação Especialização Mestrado Doutorado

Tempo de magistério:

de 0 a 5 anos de 6 a 10 anos de 11 a 15 anos Mais de 15 anos

Atuação:

possui outra matrícula pública

atua em instituição privada

possui outra matrícula e atua em instituição pública

Professor, este questionário se refere a práticas orais desenvolvidas em sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental.

1. Em sua prática pedagógica, você trabalha a modalidade oral?

SIM, ATRAVÉS DA PRÁTICA DE LEITURA.

2. Quais as atividades voltadas à oralidade você desenvolve em sala de aula?

LEITURA DE LIVROS BIMESTRAIS e textos

3. Você consegue se lembrar de alguma atividade bem sucedida com gêneros orais?

SIM TRABALHEI COM A RESENHA DO LIVRO "O COR-
FICO" - OS ALUNOS FIZERAM UMA DRAMATIZAÇÃO.

4. Você confere a oralidade a mesma importância da escrita em suas aulas de Língua Portuguesa?

SIM, POIS ACHO FUNDAMENTAL PARA O APREN-
DIZADO.

ANEXO 3 – Questionário – informante 2

Cargo público: PI - Inglês

Formação:

Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado

Tempo de magistério:

() de 0 a 5 anos de 6 a 10 anos () de 11 a 15 anos () Mais de 15 anos

Atuação:

() possui outra matrícula pública

() atua em instituição privada

() possui outra matrícula e atua em instituição pública

Professor, este questionário se refere a práticas orais desenvolvidas em sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental.

1. Em sua prática pedagógica, você trabalha a modalidade oral?

Sim.

2. Quais as atividades voltadas à oralidade você desenvolve em sala de aula?

Leer em voz alta, conversas informais.

3. Você consegue se lembrar de alguma atividade bem sucedida com gêneros orais?

Bem, minhas atividades são não somente pra que eles tenham uma boa oralidade, mas também trabalhar a auto-estima. Isso que só o fato de eles se sentirem

4. Você confere a oralidade a mesma importância da escrita em suas aulas de Língua Portuguesa?

Sim; Se um aluno, digo, o aluno escreve do modo como ele fala, por isso eu cobro muito deles pra que eles saibam falem pensando no melhor modo de se escrever.

tivados a continuar falando e lendo em voz alta e um sus-
so.

ANEXO 4 – Questionário – informante 3

Cargo público: Professora

Formação:

 Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado

Tempo de magistério:

() de 0 a 5 anos () de 6 a 10 anos de 11 a 15 anos () Mais de 15 anos

Atuação:

 possui outra matrícula pública

() atua em instituição privada

() possui outra matrícula e atua em instituição pública

Professor, este questionário se refere a práticas orais desenvolvidas em sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental.

1. Em sua prática pedagógica, você trabalha a modalidade oral?

Sim

2. Quais as atividades voltadas à oralidade você desenvolve em sala de aula?

leitura e interpretação de textos, correções de exercícios, comparação entre a linguagem oral e a escrita.

3. Você consegue se lembrar de alguma atividade bem sucedida com gêneros orais?

Sim. Apresentação de trabalhos em grupo; utilização de música e poemas nas atividades.

4. Você confere a oralidade a mesma importância da escrita em suas aulas de Língua Portuguesa?

Sim, pois acredito que seja essencial que o aluno perceba a diferença entre a linguagem oral e a escrita a fim de utilizá-las adequadamente.

ANEXO 6 – Questionário – informante 5

Cargo público: Prof I - Língua Portuguesa

Formação:

Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado

Tempo de magistério:

() de 0 a 5 anos () de 6 a 10 anos () de 11 a 15 anos Mais de 15 anos

Atuação:

possui outra matrícula pública

() atua em instituição privada

() possui outra matrícula e atua em instituição pública

Professor, este questionário se refere a práticas orais desenvolvidas em sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental.

1. Em sua prática pedagógica, você trabalha a modalidade oral?

Sim.

2. Quais as atividades voltadas à oralidade você desenvolve em sala de aula?

De modo geral, os alunos são incentivados a lerem os textos em voz alta; Além disso, são realizados seminários e apresentações orais.

3. Você consegue se lembrar de alguma atividade bem sucedida com gêneros orais?

Sim. no início do ano, foi feita uma apresentação da Campanha contra os mosquitos transmissores de doenças

4. Você confere a oralidade a mesma importância da escrita em suas aulas de Língua Portuguesa?

Sim. normalmente, promovo atividades de Ortografia por meio de "ditado" para sinalizar as diferenças do registro escrito e oral.

ANEXO 7 – Questionário – informante 6

Cargo público: Prof. Doc I - Português/Literaturas

Formação: Mestrado UFRJ em Letras

() Graduação () Especialização (X) Mestrado () Doutorado

Tempo de magistério:

() de 0 a 5 anos () de 6 a 10 anos (X) de 11 a 15 anos () Mais de 15 anos

Atuação:

(X) possui outra matrícula pública

(X) atua em instituição privada

() possui outra matrícula e atua em instituição pública

Professor, este questionário se refere a práticas orais desenvolvidas em sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental.

1. Em sua prática pedagógica, você trabalha a modalidade oral?

Sim, sempre que possível.

2. Quais as atividades voltadas à oralidade você desenvolve em sala de aula?

leitura, debate, sarau

3. Você consegue se lembrar de alguma atividade bem sucedida com gêneros orais?

Sarau de poesias; debate sobre a questão de gêneros ^{de cultura do macho} no dia Internacional das Mulheres.

4. Você confere a oralidade a mesma importância da escrita em suas aulas de Língua Portuguesa?

Sim. Entendo que a habilidade oral precisa ser tão trabalhada quanto a modalidade escrita, uma vez que ambas são necessárias para se atingir proficiência com relação à Língua Portuguesa.

ANEXO 8 – Caderno Pedagógico

COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA – 8.º ANO PÁGINA 28
4.º BIMESTRE - 2016

É muito comum encontramos, em jornais e revistas, impressos ou online, entrevistas com pessoas que tenham algo a dizer sobre um assunto que seja de interesse do público em geral. A entrevista é um instrumento muito útil também quando realizamos pesquisa sobre determinado assunto.
A seguir, você vai conhecer um pouco mais sobre o gênero textual "ENTREVISTA".

ENTREVISTA é uma conversa com uma ou mais pessoas, com o objetivo de colher informações. Para fazermos uma boa **entrevista**, precisamos, antes de mais nada, conhecer o assunto a respeito do qual queremos colher as informações, escolher pessoas que estejam envolvidas no assunto ou que realizaram, realizam ou realizarão ações que sejam do interesse público.

ATENÇÃO!

Passo a passo para realizar uma entrevista

- Planejar a entrevista, com uma pauta de assuntos sobre os quais vai formular as perguntas, iniciando pelas mais simples.
- Registrar nome(s) da(s) pessoa entrevistada(s) e dados básicos de sua(s) biografia(s).
- Preparar um texto introdutório sobre o(s) entrevistado(s); sua ligação com o assunto da entrevista, se for o caso; e os objetivos da entrevista.
- Registrar toda a entrevista (o melhor é usar equipamento para gravar, com as falas sendo, depois, transcritas em computador; na falta de equipamentos para registrar o momento da entrevista, use o recurso de transcrever diretamente a fala do entrevistado em papel).
- Fotografar o entrevistado.
- Escrever o texto da entrevista.
- Organizar a forma como vai sair publicada.

Tenha sempre à mão um roteiro da entrevista que pretende realizar.

Exemplo da forma final de uma pequena entrevista realizada com uma autora de livros (Tania Alexandra Martinelli) e publicada no blog da autora.

entrevista com a autora

1- Você se sente uma pessoa realizada?
Sim, muito! Adoro meu trabalho, amo escrever, sempre foi isso o que dei para a minha vida! E um sonho realizado!

2- O que você acha das críticas das suas leituras?
Sempre, sempre escuto. Não com muita atenção, é logo uma análise aqui dentro de mim, transformo. Se alguém aponta para uma coisa que não tinha percebido, passo a olhar melhor. Muitas vezes, depois de uma crítica lida, antes de publicá-la, meu texto, ou parte dele, é revisado e fica muito, muito melhor!

3- Na sua vida você se inspirou para fazer o livro "Tudo o que mais quero"?
Adoro praia. E sempre vejo crianças, bebês, que estão brincando na areia. Muito divertido de contar, foi o primeiro capítulo e a das meninas. Mas, quando escrevo, não sei se também me inspira, muito brincando e nos divertimos juntos. Foi isso que pensei, às vezes, o sorriso delas quando escrevo e eu sei que não dá pra parar.

4- Você gosta da profissão de sua vida como autora?
Amo!

5- Qual foi o seu livro de mais sucesso?
Meu livro "Perseguido" do editora Saramba. O tema é bullying e os personagens são amigos!

Bom, estas foram as perguntas. Obrigada por você e boa sorte no trabalho!

Tania Alexandra Martinelli, nasceu em Americana - SP. É escritora em língua portuguesa e inglesa que ama ler e escrever. É formada em Letras, Português - Espanhol. Foi professora de português durante 13 anos. Publicou seu primeiro livro em 2008 e daí pra cá, vem escrevendo cada vez mais!

Perguntas e respostas

Fotografia

Pequeno texto de apresentação da entrevista, com dados biográficos da entrevistada.



“Os nomes dos poetas populares/Deveriam estar na boca do povo” (Antônio Vieira).
 Você vai ler, a seguir, trechos de uma entrevista concedida pelo poeta popular, Manoel de Barros falecido em 2014 e, assim, conhecê-lo um pouco melhor.



O poeta Manoel de Barros

POR JOSÉ CASTELLO

CAMPO GRANDE – Manoel de Barros morava em uma bela casa na Rua Piratininga, no Jardim dos Estados, em Campo Grande (MS). Desde janeiro de 1996, eu vinha tentando convencer o poeta Manoel de Barros, de 80 anos, a receber-me para uma entrevista. Naquele verão, ele aceitou, por fim, responder a algumas perguntas por escrito. Nada mais. Ele achava melhor o seu primeiro livro, *Poemas Concebidos sem Pecado*, que só teve uma edição de cerca de 30 exemplares rodada em prensa manual, por achar que todos os outros são decorrência desse. O poeta Manoel de Barros, que dizia escrever “uma poesia torta”, contou ao Estado como foi sua trajetória até hoje e falou do novo livro.

(Adaptado de www.jornaldepoesia.jor.br)

Manoel de Barros faz do absurdo sensatez

Estado - Como surgiu seu amor pelas coisas sem importância?

Manoel de Barros - Quando eu era jovem, fiz uma longa viagem pela Bolívia. Viajei sem rumo por Porto Suárez, Orurus, Chiquitos, vivendo sempre no meio da indigência. Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei.

Estado - Você já se interessava por literatura?

Manoel - Sim, eu lia muito. Levei comigo as Obras Completas de Rimbaud e de Baudelaire e não parava de ler. Foi durante essa viagem, também, que descobri o peruano César Vallejo, um poeta da palavra – como eu.

Estado - Um poeta, também, das coisas menores.

Manoel - Prefiro as coisas menores, as coisas sem nome. Sempre fui muito voltado para as coisas sem importância. Há pouco tempo, uma poeta do Rio disse-me: “Quando você escreve, você só se interessa pelas ‘inutilidades’.” A palavra é dela, “inutilidades”, e me pareceu muito boa. O livro que estou escrevendo tem o título provisório de *Tratado Geral das Inutilidades*.

Estado - Como você publicou seu primeiro livro?

Manoel - A primeira edição de *Poemas Concebidos sem Pecado* foi rodada na prensa manual de um diplomata, o Henrique Rodrigues Vale. Foram só 20 ou 30 exemplares, dados de presente. Não guardei nenhum.

Estado - Quando você o lê, hoje, o que acha?

Manoel - Acho que esse meu primeiro livro é meu melhor livro. Tudo o que escrevi depois vem dele. Ali, eu já tinha a noção do valor linguístico da poesia. Poesia não é para contar história, poesia é um fenômeno de linguagem.

Estado - E o gosto pela leitura, como surgiu?

Manoel - Quando deixei de acompanhar meu pai pelas fazendas, fui para um colégio interno em Campo Grande. Depois, meu pai me mandou para o Rio, para o Colégio São José, dos irmãos maristas, onde fiquei por mais sete anos. Passei todo esse tempo lendo.

Estado - O que essa busca da linguagem mínima significa?

Manoel - A evolução para a linguagem enxuta é a evolução para o absoluto. Meus escritores favoritos são aqueles que se encaram como seres de linguagem. O Dalton (*Trevisan*), o Machado (*de Assis*), o Guimarães Rosa, o Gregório de Matos, o João Cabral, o Augusto dos Anjos, o (*Fernando*) Pessoa.

Estado - Você não inclui Clarice Lispector nessa lista?

Manoel - É claro que sim, como ela me escapou? [...]

(em entrevista concedida a José Castello. *Jornal O Estado de São Paulo*, agosto de 1996. in: *Jornal de Poesia*)
<http://www.jornaldepoesia.jor.br/castel11.html>

COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

LÍNGUA PORTUGUESA – 8.º ANO

PÁGINA 30

4.º BIMESTRE - 2016

Através das **perguntas e respostas** desse trecho da **entrevista** concedida a José Castello e publicada em um jornal de São Paulo, ficamos sabendo algumas coisas sobre o poeta Manoel de Barros, na época em que ele concedeu a entrevista.

➤ Em que cidade morava?
Em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul.

➤ Quantos anos tinha o poeta, na época da entrevista?
80 anos.

➤ De que forma respondeu às perguntas?
Por escrito.

➤ Dos seus livros, de qual ele mais gosta e por quê?
“Poemas Concebidos sem Pecado”, seu primeiro livro, porque, segundo ele, esse livro já continha tudo o que escreveu depois.

➤ Uma definição de poesia, na opinião do poeta, e como é, segundo ele, a poesia que escreve. **Poesia é um fenômeno de linguagem, não é para contar história. Ele diz que escreve ‘uma poesia torta’.**

➤ O que ele entende por “inutilidades” e que título pensava em dar ao novo livro que estava escrevendo? **Inutilidades seriam as coisas menores, as coisas sem importância .**
“Tratado Geral das Inutilidades”.

➤ Em que época começou seu interesse pela leitura?
Na época em que foi mandado para o colégio, para estudar.

➤ Quais são seus escritores favoritos? Como ele justifica essa preferência?
Dalton Trevisan, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Gregório de Matos Guerra, João Cabral de Melo Neto, Augusto dos Anjos, Fernando Pessoa, Clarice Lispector... Por serem escritores que se veem como seres de linguagem.


➤ O que o poeta buscava com sua linguagem e o que se pode entender por “absoluto”, em termos de linguagem?
Buscava chegar a uma linguagem mínima, enxuta, simples, que, segundo ele, seria a evolução para o absoluto(*). (*Em termos de linguagem, o absoluto pode ser entendido como o que estaria na origem, uma linguagem primeira, princípio de tudo o que viria depois.

Leia, de preferência em voz alta, para ou com seus alunos, esse belo poema de Manoel de Barros.

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes,
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como boas moscas.
Queria que minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencioática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: as infâncias*.
São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.



“Eu vi um êxtase no cisco!”
Desenho de Manoel de Barros

ANEXO 9 - Texto de aula

E.M. Prof. Ari Marques Pontes

Prof. Bianka Thompson

Projeto “*Práticas Oraís: simulando uma Entrevista de Emprego*”

5 dicas para evitar erros na entrevista de emprego

Todos sabem que a concorrência no mercado de trabalho é cada vez maior. As empresas buscam profissionais qualificados e dispostos a aprender mais. Habitualmente, os candidatos enfrentam a temida entrevista de emprego. Esta é uma das principais dificuldades apontadas pelos candidatos que buscam uma vaga de jovem aprendiz, por exemplo.

Segundo alguns especialistas, **a preparação, conversação e apresentação são as chaves para alcançar o sucesso na entrevista.** A maioria dos entrevistadores forma sua opinião sobre o candidato nos primeiros minutos do encontro.

Você nunca poderá refazer a primeira impressão. A partir do momento em que o entrevistador se apresenta, o “jogo começa” para você! A verdade é que muitos jogam fora a tão sonhada vaga de trabalho por causa de erros simples. A fim de reverter esta situação, reunimos, aqui, algumas dicas simples que irão lhe auxiliar na hora da entrevista de emprego. Experimente-as e faça a “balança” tender ao seu favor.

1 – Cumprimentar o entrevistador

O entrevistador está em uma situação mais favorável do que a sua, não é? Então, a iniciativa pode partir de você sem problema algum. Parece simples, porém o aperto de mão poderá realmente definir uma boa impressão.

Seja confiante. Um aperto de mão vai diferencia-lo de um covarde, um fraco. Tenho um amigo que trabalha em uma empresa de RH. Segundo ele, quando sua equipe se reuni para discutir a respeito dos candidatos a determinada vaga de trabalho, uma das primeiras coisas a ser analisada é a forma que o candidato “X” ou “Y” se posicionaram perante a apresentação inicial, sendo que o aperto de mão é um dos pontos em questão. Não cometa este erro simples.

2 – Boa postura

Lembra daquele ensinamento da sua mãe para se sentar corretamente a frente do computador ou na mesa de jantar? Este conselho maternal, realmente faz diferença para a sua vida

profissional. Não apenas para aliviar as dores na coluna, mas a má postura frente ao entrevistador poderá fazer com que pareça que está entediado e este é um ponto negativo para o entrevistador.

Ao senta-se corretamente, fará com que pareça mais envolvido e interessado no posto de trabalho. Ao curvar-se, você mostrará que este trabalho não é tão importante para você. Passa a ideia de desprezo.

3 – Olhe nos olhos do entrevistador

Evitar olhar nos olhos do entrevistador não só irá fazer o momento ficar mais desconfortável para ambos, mas também revelará que falta em você as habilidades necessárias para a ocupação do cargo.

Manter o contato visual confortável enquanto o entrevistador fala também mostrará que você está interessado no que ele tem a dizer sobre a empresa e a função pretendida.

4 – Simule

A prática realmente faz as coisas aproximarem da perfeição. Nenhum motorista começa a dirigir no dia que recebeu sua carteira de habilitação. É preciso passar por aulas teóricas e práticas. Esta é a mesma lógica para se preparar para uma entrevista de emprego.

Peça a alguém que você confia que simule uma entrevista de emprego, que ouça atentamente cada detalhe e, posteriormente, faça críticas. Escolha uma pessoa mais velha que tenha certa experiência no universo do trabalho.

Este exercício será útil em vários detalhes. Você, por exemplo, pode ter um mau hábito que nem percebeu. Eu fiz isso com uma amiga e para a sua surpresa, ela tinha a mania de ficar torcendo o cabelo. Não se estranha em saber que algo tão pequeno como brincar com o cabelo pode distrair o entrevistador ou mesmo criar uma imagem sua de nervosismo e/ou insegurança.

5 - Para quem não tem experiência profissional

Se você nunca trabalhou, pode pensar nas principais situações da sua vida escolar ou em família, por exemplo. “O importante é explorar as experiências que você já passou”, ressalta Caroline Cobiak, consultora interna da área de Jovens Profissionais da Across, especializada em recrutamento de programas de estágio e trainee. E aqui valem os trabalhos em grupo da faculdade, a viagem com os amigos, o intercâmbio que fez sozinho, a festa que organizou etc.

ANEXO 10 - Texto de aula

E.M. Prof. Ari Marques Pontes

Prof. Bianka Thompson

Projeto “*Práticas Orais: simulando uma Entrevista de Emprego*”**Prepare-se para as entrevistas de emprego: 10 perguntas frequentes nas seleções para Jovem Aprendiz**

O MATERIAL CONSISTE EM UMA SELEÇÃO DE PERGUNTAS RECORRENTES EM ENTREVISTA DE EMPREGO E SUGESTÕES DE COMO REpondê-LAS.

Como o objetivo é ser aprovado para um determinado cargo, algumas dicas são importantes: seja honesto (a), use o bom senso, tenha cuidado com o vestuário e com o comportamento.

Para o nervosismo não tomar conta, pesquise sobre a empresa e treine antes como agir na hora da entrevista de emprego.

As perguntas abaixo servirão como um guia para que você não seja pego(a) de surpresa. É importante você saber mais ou menos quais serão as perguntas dos examinadores para que, de forma calma e tranquila, consiga ter um bom êxito nas respostas.

Veja 10 exemplos de perguntas mais frequentes em entrevistas, de acordo com um site de área. Prepare-se para quando chegar a sua vez de respondê-las.

1 – Por que você quer trabalhar com a gente?

Para responder a essa pergunta, você precisa conhecer a empresa. Por isso, comece sua pesquisa assim que for chamado para entrevista. Acesse site, redes sociais e possíveis notícias que possam ter sobre a empresa na internet. Você pode falar sobre os pontos positivos da empresa, como os produtos e/serviços colaboram para uma sociedade melhor, sobre a maneira como trata os funcionários, sobre as oportunidades de carreira, sobre o alinhamento da empresa com a sua própria visão de mundo. Ou seja, é importante você encontrar pontos em comum entre seus sonhos e a atuação da empresa.

2 – Por que devemos contratá-lo?

Este é o momento de falar sobre você mesmo. Em primeiro lugar, foque no lado profissional. Fale sobre suas experiências (se tiver) e sobre suas qualificações. Em seguida, fale sobre sua personalidade e sobre como ela pode te ajudar a realizar o trabalho e sobre como seus objetivos se alinham com os da empresa. É preciso mostrar que há uma identificação entre a pessoa que você é e o profissional que quer ser com o que a empresa é e pode oferecer.

3 – Quais são seus pontos fortes?

Seja objetivo. Fale primeiramente sobre suas características positivas. Três é um bom número. Cite-as e depois desenvolva uma explicação sobre elas, usando exemplos de como os pontos fortes te ajudam na sua vida prática, em seus estudos e trabalho.

4 – Quais são os seus pontos a desenvolver?

Seja honesto. Assim como nos pontos fortes, cite dois ou três pontos a desenvolver. Todo mundo tem pontos a desenvolver, ainda mais quem está começando a vida profissional. Fale sobre eles e diga o que está fazendo para melhorar. Fuja dos clichês: “perfeccionismo” não vale como ponto a desenvolver. Para não falar mais do mesmo, pense bem antes, prepare-se para a entrevista e aproveite para se conhecer melhor.

5 – Qual é o seu maior sonho?

Pense antes sobre o que vai responder para não parecer imaturo. Tenha em mente que essas perguntas são feitas para avaliar a capacidade de autoavaliação dos candidatos, a maturidade e se os candidatos têm o perfil que eles buscam. Por isso, pense bem antes de falar que seu sonho é ganhar na mega sena, virar jogador de futebol ou ter uma Ferrari, ok?

6 – Como se dá com o trabalho em equipe?

O importante aqui é mostrar que você consegue e que gosta de trabalhar em equipe, que tem um bom relacionamento interpessoal, que sabe respeitar os outros, que colabora com o trabalho dos outros, que a empresa pode contar com você. Caso não tenha experiência de trabalho ainda, você pode dar exemplos de como trabalha em equipe na sua escola, na igreja, no curso, nas atividades esportivas. Atletas ou praticantes amadores conseguem dar exemplos muito bons de trabalho em equipe. Aproveite!

7 – O que procura num trabalho?

Para responder a essa pergunta, use um pouco do que falou na pergunta do sonho, mais o que disse sobre a empresa. O avaliador espera que o trabalho oferecido tenha características interessantes para você. Entretanto, tenha em mente que você não está falando do trabalho naquela empresa, mas de trabalho de modo geral. Ou seja, a intenção aqui também é avaliar as suas expectativas e se elas estão de acordo com o que a empresa oferece.

8 – O que o motiva a trabalhar melhor?

Como você provavelmente nunca trabalhou, a sugestão aqui também é falar sobre o que você espera. Você também pode usar exemplos de momentos interessantes em seus estudos, no curso e com práticas esportivas. Por exemplo: uma equipe que se respeita, pessoas inteligentes, um bom ambiente de trabalho, um bom salário, possibilidades de crescimento, um gestor que

frequentemente avalia os funcionários. Enfim, existem centenas de possibilidades. Mais uma vez a dica é: pense antes de responder e responda de acordo com o que você realmente considera importante.

9 – O que você faz no seu tempo livre?

A intenção do avaliador com essa pergunta é conhecer melhor sobre sua personalidade e sobre como você administra seu tempo. Você pode falar sobre os esportes que pratica, sobre o que gosta de fazer nos finais de semana, como ir ao cinema, à praia, fazer trilhas, ler, escrever, fotografar. Enfim, fale, de fato, sobre o que faz. Não tem muito mistério.

10 – Como você se imagina daqui a 5 ou 10 anos?

É importante não confundir essa pergunta com a pergunta dos sonhos. Embora esta questão também tenha a ver com sonhos, o avaliador vai esperar coisas mais concretas. Se você sonha em ter um bom emprego, uma casa, fazer uma viagem internacional ou entrar para a universidade, você precisa dizer o que está fazendo para conseguir chegar lá. Isso é muito importante!

ANEXO 11 – Perguntas para a entrevista de emprego

① Por que você decidiu entrar no mercado de trabalho? O que você procura num trabalho?

② Quais são os seus pontos fortes?

③ Quais os pontos que você pode melhorar?

④ O que você acha que a empresa pode te oferecer?

⑤ Como se dá com trabalho em equipe?

⑥ Como você se imagina daqui a 5 a 10 anos?

ANEXO 12 – Produção aluno 6

1) Para tentar ter uma vida independente, adquirir experiência e aprender nessa vida!! e

2) Ser organizado, responsável e ~~eficiente~~.
 3) ~~Organização é necessária para o funcionamento da empresa~~ ~~responsabilidade~~ ~~para~~ ~~o~~ ~~desempenho~~ ~~em~~ ~~algumas~~ ~~coisas~~
 3) ~~Sei trabalhar bem~~ mas se preciso, interajo com as pessoas no meu setor para o bem da empresa.

Sei introvertida
 Sei cabeça quente, mas é óbvio que sei medir as palavras ao falar com as pessoas em minha volta.

4) Uma grande oportunidade de crescer no mercado de trabalho e adquirir conhecimentos, além de tentar crescer na empresa ganhar experiência.

5) Eu sei liderar, respeitar aqueles que me lideram e principalmente trabalhar em equipe com os meus colegas para que possamos nos ajudar.

6) trabalhando e cursando uma faculdade na minha cidade

ANEXO 13 – Produção aluno 7

S	T	Q	Q	S	S	D
M	T	W	T	F	S	S

① Porque quero ter minha independência financeira. Procuro experiência.

② Sou estudiosa e não escuto os outros

③ ~~Algo mais~~, Não sei responder

④ Pode me dar experiência e me ajudar a ter um futuro melhor

⑤ Acho ótimo ter colegas no trabalho para dividir os trabalhos.

⑥ Quero ter minha casa e estar em um bom emprego.

ANEXO 14 – Produção aluno 4

- 1) Porque eu queria ser mais independente, crescer cada vez mais, aprender e amadurecer com isso...
- 2) Gosto de trabalhar em equipe, sou agil, ~~apenas~~ responsável. tenho facilidade em aprender. Agilidade gera um rendimento melhor, responsabilidade é essencial em qualquer cargo.
- 3) Sou meio tímida, como será meu primeiro emprego pretendo descobrir meus pontos negativos.
- 4) Tenho interesse em culturas diferentes, a empresa pode me ajudar amadurecer, aprender coisas novas e principalmente porque quero fazer Administração.
- 5) Sou bem organizada com trabalho em equipe, gosto de dar minha opinião mas ~~também~~ sei ouvir e respeitar a dos outros, sei liderar mas também sei ser liderada...
- 6) cursando a faculdade em Administração e com um bom emprego e facilidade de aprender me ajuda a absorver melhor o que o cargo me propõem.

ANEXO 15 – Produção aluno 8

1. para obter experiência, ~~me formo em um curso para empregos futuros~~
e adquirir mais responsabilidade.

Procuro obter experiência e me aprofundar mais no ramo de emprego.

2. Sou persistente, gosto de trabalhar em equipe, sou responsável
no algo tem uma complicação por não tenho paciência mas
desisto facilmente. trabalhar em conjunto

3. minha timidez, por não ter ~~uma~~ experiência não sei ainda
quais outros pontos ~~a melhorar~~ podem ser aprimorados

4. Experiência e conhecimentos do ramo de trabalho, principalmente
a área administrativa.

5. muito bem, gosto de dar opinião e receber também

6. me imagino em um emprego estável, não de financeira bem
organizada e fazendo faculdade.

ANEXO 16 - Interpretação adequada

- ① Eu decidi pois gosto de aprender coisas novas, desejo me tornar independente e amadurecer com a responsabilidade do emprego. Eu procuro estabilidade financeira e ~~com a realização~~ ^{realizar} dos meus sonhos.
- ② Sou pontual e acho isso algo excelente para o trabalho, além de me dar um certo crédito para o lado da responsabilidade. ~~Quero dizer~~ Sou persistente. Se algo tem uma complicação, não desisto facilmente.
- ③ Sou tímida, ^{mas} ~~pretendo~~ com a prática rotineira do trabalho pretendo interagir melhor com as pessoas ao meu redor para o bem da empresa.
- ④ ~~Tenho interesse em culturas diferentes.~~ A empresa pode me ~~ajudar~~ ^{oferecer} ~~ajudar~~ ^{maior} amadurecimento, ~~o~~ adquirir aprendizados na área administrativa e ~~uma~~ ^{é uma} ótima oportunidade de crescimento ~~na~~ empresa no mercado de trabalho.

⑤ Sou maleável, portanto sei liderar e ser liderada. Gosto de opinar e respeito a opinião alheia.

⑥ me imagino em um emprego estável, vida financeira bem organizada e fazendo faculdade de Administração.

ANEXO 17 – Interpretação inadequada

- 1) Porque foi o que apareceu aí, e tá aqui. E procuro dinheiro para comprar "buzinhas".
- 2) Ah, porque meu cabelo é bilhoso e eu sou muito bonita? Sou perfeita, né?
- 3) Nada. Como já disse eu sou perfeita, né?
- 4) Dinheiro e vou falar melhor no telefone.
 - Mas aqui é uma agência de turismo e o seu cargo é de assistente administrativo
 - Oxi, achei que fosse para telemarketing.
- 5) ~~Ahh, não gosto muito não.~~ AHH, eu adoro, gosto de mandar gente que façam o que eu quero.
- 6) Rica, glamurosa e morando em Dubai.

ANEXO 18 – Sugestões para o vídeo**1º quadro**

1. O entrevistador não é seu amiguinho! Não utilize gírias e adeque seu vocabulário para uma situação mais formal.
Cuidado com a sua apresentação: não exagere na maquiagem e evite roupas extravagantes.

2º quadro

2. Ao falar dos seus pontos fortes, diga como eles são benéficos para a sua vida e para o trabalho.
Não vale dizer que você é “perfeito” ou “não tenho nada a melhorar”, caso perguntem os seus pontos fracos.

3º quadro

3. Pesquisar sobre a empresa é fundamental! Tente relacionar seus objetivos pessoais à atuação da empresa.

4º quadro

4. Lembre-se: saber trabalhar em equipe é respeitar o outro! O individualismo não tem vez em empresas modernas!

5º quadro

5. Mostre segurança em sua fala. Seja objetivo em suas respostas. Tente mostrar que você sempre almeja melhorar e aprender coisas novas.

ANEXO 19 - Fotos



ANEXO 20 - fotos



ANEXO 21 - Fotos



ANEXO 22 - Fotos



ANEXO 23 - Fotos



ANEXO 24 – Fotos



ANEXO 25 – Fotos



ANEXO 26 - Fotos



ANEXO 27 - Fotos



ANEXO 28 - Fotos



ANEXO 29 - Fotos



ANEXO 30 - Autorização

(Destacar esta parte e entregar à professora Bianka)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, <u>Joaquim Paulo da Rocha</u>	RG: <u>21.701.247-5</u>
responsável legal do(a) aluno(a) <u>Kathia Silva Brito</u>	
regularmente matriculado(a) na turma 1906, do Ensino Fundamental na Escola Municipal Professor Ari Marques Pontes, da Rede Municipal da Prefeitura do Rio de Janeiro, autorizo que sejam utilizadas imagens, registradas por meio de fotos e vídeos, do menor para o projeto Práticas Oraís: simulando uma Entrevista de Emprego , parte da pesquisa da Professora Bianka Thompson Alves, aluna do Mestrado Profissional ProLetras – UFRJ. O material coletado futuramente fará parte do trabalho final da citada professora. O vídeo produzido também ficará como acervo na Sala de Leitura.	
Rio de Janeiro, <u>09</u> de <u>Dezembro</u> de 20 <u>16</u>	
<u>Joaquim Paulo da Rocha</u> (assinatura)	

ANEXO 31 – Autorização

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Lisiane Oliveira RG: 12985579-8
responsável legal do(a) aluno(a) Alim Oliveira Soares
regularmente matriculado(a) na turma 1906, do Ensino Fundamental na Escola Municipal Professor Ari Marques Pontes, da Rede Municipal da Prefeitura do Rio de Janeiro, autorizo que sejam utilizadas imagens, registradas por meio de fotos e vídeos, do menor para o projeto **Práticas Orais: simulando uma Entrevista de Emprego**, parte da pesquisa da Professora Bianca Thompson Alves, aluna do Mestrado Profissional ProfLetras – UFRRJ. O material coletado futuramente fará parte do trabalho final da citada professora. O vídeo produzido também ficará como acervo na Sala de Leitura.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20 _____

Lisiane Oliveira
(assinatura)

ANEXO 32 – Autorização

(Destacar esta parte e entregar à professora Bianca)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, <u>Joana D'ane Lourenço Soares</u> RG: <u>30.276.774-6.1FP</u> responsável legal do(a) aluno(a): <u>Guiliana Elitiana Soares da Silva</u> , regularmente matriculado(a) na turma 1906, do Ensino Fundamental na Escola Municipal Professor Ari Marques Pontes, da Rede Municipal da Prefeitura do Rio de Janeiro, autorizo que sejam utilizadas imagens, registradas por meio de fotos e vídeos, do menor para o projeto Práticas Oraís: simulando uma Entrevista de Emprego , parte da pesquisa da Professora Bianca Thompson Alves, aluna do Mestrado Profissional ProfLetras – UFRRJ. O material coletado futuramente fará parte do trabalho final da citada professora. O vídeo produzido também ficará como acervo na Sala de Leitura. Rio de Janeiro, <u>13</u> de <u>dezembro</u> de 20 <u>16</u> <u>Joana D'ane L. Soares</u> (assinatura)
--

ANEXO 33 – Autorização

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Otacilia Franca da Silva, RG: 06021584-5
responsável legal do(a) aluno(a)
Priscila Franca de Almeida regularmente matriculado(a)
na turma 1906, do Ensino Fundamental na Escola Municipal Professor Ari
Marques Pontes, da Rede Municipal da Prefeitura do Rio de Janeiro, autorizo que
sejam utilizadas imagens, registradas por meio de fotos e vídeos, do menor para
o projeto **Práticas Oraís: simulando uma Entrevista de Emprego**, parte da
pesquisa da Professora Bianka Thompson Alves, aluna do Mestrado Profissional
ProfLetras – UFRJ, e que futuramente farão parte do trabalho final da citada
professora. O vídeo produzido também ficará como acervo na Sala de Leitura.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2016

Otacilia Franca da Silva
(assinatura)